FRAUDE MÓRMON
O LIVRO DE ABRAÃO

MITOLOGIA E SUPERSTIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ



JL

COLEÇÃO FÁBULAS MÓRMONS 6

Coleção Fábulas Mórmons Volume 6

FRAUDE MÓRMON

O LIVRO DE ABRAÃO

http://investigacoessud.blogspot.com



Compilação e organização

JL

jairoluis@inbox.lv

MÓRMON

"Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias" ou "Igreja SUD".

Table of Contents

1 - E agora José? 4

2 - "A religião que mais cresce no mundo." 5

3 - Livro de Abraão 6

1 - Introdução 6
2 - Texto 7
3 - Controvérsias - parte 1 10
4 - Controvérsias - parte 2 28
5 - Fac-símile No. 1 - parte 1 33
6 - Lacunas no fac-símile nº 1 41
7 - Fac-símile Nº. 3 - Significados 46
8 - Fac-símile 1 E 3 56
9 - O Fac-símile 2 63
10 - O Livro de Abraão - Coleção de Hipocéfalos 85
11 - Nomes egípcios? 134
12 - Anacronismos 138
13 - Fontes do Livro de Abraão 145
14 - Os fragmentos do papiro são o Livro de Abraão? 155

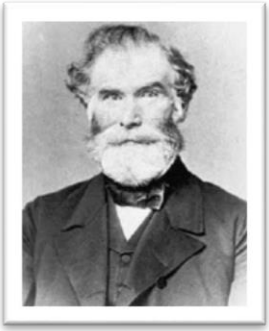
4 - Livros Recomendados 167

LIVROS ONLINE 167
Fonte 183

5 - Mais bobagens do Cristianismo >>> 184

1 - E agora José?

O apóstolo Orson Pratt fez o seguinte pronunciamento em relação ao livro de mórmon:



"O livro de mórmon deve ser ou verdadeiro ou falso. Se verdadeiro, é uma das mensagens mais importantes enviadas de Deus... se é falso, é a imposição mais enganosa, audaz e mais mentirosa que já existiu no mundo, calculada para enganar e arruinar milhões... A natureza do livro de mórmon é tal, que se verdadeira, ninguém pode ser salvo se rejeitá-lo; se for falso, ninguém pode ser salvo se aceitá-lo... se, após um rígido exame, for descoberto ser uma imposição, deve ser publicado em todo o mundo como tal; as evidências e argumentos nos quais as imposições foram detectadas devem ser claramente e logicamente anunciadas, aqueles que foram sinceramente, ainda que infelizmente enganados, devem perceber a natureza do engano e clamarem isso, e aqueles que continuarem publicando este engano devem ser expostos e silenciados... por argumentos fortes e poderosos – por evidências trazidas das escrituras e da razão..."

Orson Pratt's Works, Divine Authenticity of the Book of Mormon, Liverpool, 1851, pp. 1, 2.

2 - “A religião que mais cresce no mundo.”

Censo IBGE de 2000: 199.645 mórmons.

Censo IBGE de 2010: 226.509 mórmons!

Espírita	2.262.401	1,332
Outras cristãs (total)	1.540.064	0,907
· Testemunhas de Jeová	1.104.886	0,650
· Mórmon	199.645	0,118
· outras	235.533	0,139
Umbanda	397.431	0,234
Budismo	214.873	0,126
Novas religiões orientais (total)	151.080	0,089

Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010

(conclusão)

Grupos de religião	População residente								
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio					
				Urbana			Rural		
				Total	Sexo		Total	Sexo	
					Homens	Mulheres		Homens	Mulheres
Outras religiosidades cristãs	1 461 495	666 772	794 723	1 350 719	613 118	737 601	110 776	53 654	57 122
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226 509	107 144	119 366	222 224	104 957	117 266	4 286	2 186	2 099
Testemunhas de Jeová	1 393 208	579 466	813 742	1 328 406	550 262	778 144	64 801	29 204	35 598
Espiritualista	61 739	24 857	36 882	59 131	23 702	35 429	2 608	1 155	1 453
Espírita	3 848 876	1 581 701	2 267 176	3 776 857	1 546 013	2 230 843	72 020	35 687	36 332
Umbanda	407 331	182 119	225 213	398 506	177 546	220 960	8 825	4 572	4 253

3 - Livro de Abraão

1 - Introdução

Em 1835, Joseph Smith adquiriu a posse de algumas múmias e papiros egípcios. Ele "traduziu" parte dos papiros e anunciou que um deles era o livro perdido de Abraão, escrito por seu próprio punho.

Poucos conseguiam traduzir o egípcio naquela época (a pedra de Roseta - ao lado - havia sido decodificada apenas em 1822), e assim a palavra Smith nunca foi questionada pelos seus seguidores.



Mais tarde, os papiros desapareceram e foram dados como perdidos no grande incêndio de Chicago, que ocorreu em 1871. Então em 1967, alguns de seus fragmentos foram redescobertos no "New York Metropolitan Museum of Art". Agora, eles podem ser examinados. Smith construiu uma gramática egípcia e alfabeto que ele alegou usar na tradução. Esta foi suprimida pela Igreja por cento e trinta anos, até ser exposta como um disparate total

e absoluto. A seguir serão fornecidas evidências de que a tradução alegada de Smith, dos três fac-símiles e do texto do livro eram, na realidade, apenas textos funerários egípcios. Muitos egiptólogos examinaram e interpretaram os pergaminhos, que foram datados em aproximadamente 50 AEC (e não 2000 AEC, no tempo de Abraão). Também serão analisados o conteúdo doutrinário da "tradução" e as reivindicações absurdas de que uma filha de Cão, filho de Noé, chamado "Egyptus" "encontrou o Egito após a grande enchente - daí ser chamado Egito. A Igreja Mórmon ignora o absurdo de tal afirmação, apesar da história do Egito ser muito anterior à época do suposto dilúvio, sem qualquer 'período de inundação". Na verdade, a palavra "Egito" é um derivado moderno, via latim e grego, de Hwt-ka-Ptah – Casa da alma de Ptah. Este é um nome muito próximo à época de Cristo, que surgiu apenas com os gregos que não podiam pronunciar Hwt-ka-Ptah por um lugar no Egito. Até então, não era um nome utilizados pelos próprios egípcios e certamente não estava em uso quando Smith alegou que ele o estava.

2 - Texto

1 - O texto do livro de Abraão

O Livro de Abraão conta a história da vida de Abraão, sua viagem para Canaã e Egito e uma visão que recebeu a respeito do universo e da criação do mundo. O livro tem cinco capítulos, os capítulos 1 e 2 sobre a infância de Abraão e sua luta contra a idolatria de sua família e da sociedade. Ele relata como os sacerdotes pagãos tentaram sacrificá-lo e que um anjo veio em

seu socorro. O capítulo 2 inclui informações sobre a aliança de Deus com Abraão e como ela seria cumprida. Os capítulos 3 a 5 contêm a visão sobre a astronomia, a criação do mundo e a criação do homem. [1]

2 - Fac-símiles

Três imagens e as explicações de Joseph Smith estão no Livro de Abraão. O fac-símile 1 e o fac-símiles 3 são parte do rolo de Hor, que contém os papiros de Joseph Smith I, X and XI [2]. O fac-símile 2 é o "hipocéfalo de Sheshonq". A localização de sua fonte é desconhecida. [3] Ao menos dois artistas, incluindo Reuben Hedlock, criaram peças de madeira destas imagens, que foram usadas para imprimir os artigos que aparecem no "Times and Seasons", em 1842. De acordo com a explicação de Joseph Smith, o fac-símile 1 retrata Abraão atado à um altar com o pastor idólatra de Elkenah tentando sacrificá-lo. O fac-símile 2 contém representações dos objetos celestiais, incluindo os céus e a terra, 15 outros planetas e estrelas, o sol e a lua, o número 1000 e Deus revelando as magníficas palavras-chave do sacerdócio sagrado. O fac-símile 3 retrata Abraão na corte do faraó "raciocinando sobre os princípios de astronomia".

Interpretações

A igreja SUD

O livro de Abraão foi aceito em 1880 pela igreja SUD e continua sendo uma importante parte das escrituras de Pérola de Grande Valor. O texto do livro de Abraão é fonte de algumas doutrinas únicas dos SUD, como a exaltação da humanidade, [4] a pluralidade dos deuses [5] o Sacerdócio [6], a existência pré-mortal

[7], e outros mundos habitados dos cosmos [8]. Este livro também contém a única referência da estrela Kolob, a qual, de acordo com o texto, é a estrela mais próxima de onde Deus habita. A partir de março de 1842, o jornal SUD "Times and Seasons" começou a publicar bissemanalmente partes do texto do Livro de Abraão, incluindo as gravuras dos três "fac-símiles", figuras mais importantes do material que estava com as múmias. A partir desse período até sua morte, em 1844, Joseph usou o Livro de Abraão como material para sermões, palestras e outros escritos. Em 1851, foi impresso na Inglaterra como panfleto, como parte de uma pequena coleção de escritos de Joseph, intitulada "A Pérola de Grande Valor". Em 1878, a Igreja SUD nos EUA publicou-o novamente de forma similar, e em 1880 o Livro de Abraão, por votação unânime das autoridades SUDs, foi "canonizado" como escritura oficial da Igreja.

3 - Controvérsia e Crítica

Desde sua publicação, em 1842, o livro de Abraão tem sido fonte de controvérsia. Egiptólogos não mórmons, começando por Theodule Deveria, no final do século 19, discordou das explicações de Joseph Smith sobre os fac-símiles. Eles também afirmam que as porções danificadas dos papiros foram reconstruídas incorretamente. A controvérsia intensificou-se no final dos anos 1960, quando porções dos papiros de Joseph Smith foram localizadas: a tradução dos textos egípcios revelaram que não se pareciam com o texto do livro de Abraão. Em contrapartida, linguistas e egiptologistas SUDs, incluindo o famoso estudioso mórmon Hugh Nibley, os egiptologistas da BYU John Gee, Michael D. Rhodes [9] e Brian Hauglid ofereceram detalhadas refutações aos críticos e explicações sobre as diferenças encontradas.

Notas:

1 - http://scriptures.lds.org/pt/abr/contents/summary
2 - A Guide to the Joseph Smith Papyri, pgs. 11-14
3 -A Guide to the Joseph Smith Papyri, pgs. 11-13.
4 - Abraham 2:10
5 - Abraham 4:1
6 - Abraham 1:1-4
7 - Abraham 3:18-28
8 - Pearl of Great Price Student Manual, The Book of Abraham, pp 28 - 40, http://www.ldsces.org/inst_manuals/pgp/pgp-3.htm#a, retrieved 2007-12-06
9 - http://www.strangite.org/Scriptures.htm

3 - Controvérsias - parte 1

Traduzido e adaptado de 20 truths about Mormonism

Uma das alegações da divindade do chamado de Joseph Smith repousa na tradução que ele fez a partir dos papiros egípcios que comprou, juntamente com algumas múmias. Se ele de fato traduziu um antigo registro do patriarca Abraão, através do poder de Deus, ele foi o profeta e vidente que afirmava ser. No entanto, se o Livro de Abraão é uma invenção, Joseph foi uma fraude. Em julho de 1835, um irlandês chamado Michael Chandler trouxe uma exposição de quatro múmias egípcias e papiros para Kirtland, Ohio, o então lar dos mórmons. Os papiros continham hieróglifos egípcios que intrigaram Joseph Smith. Como profeta e vidente da Igreja, Joseph teve permissão para visualizar o rolos de papiro e pronunciou uma descoberta maravilhosa:

- "... Com WW Phelps e Oliver Cowdery como escribas, eu comecei a tradução de alguns dos caracteres ou os hieróglifos e, para nossa alegria, descobri que um dos rolos continha os escritos de Abraão, outro os escritos de José do

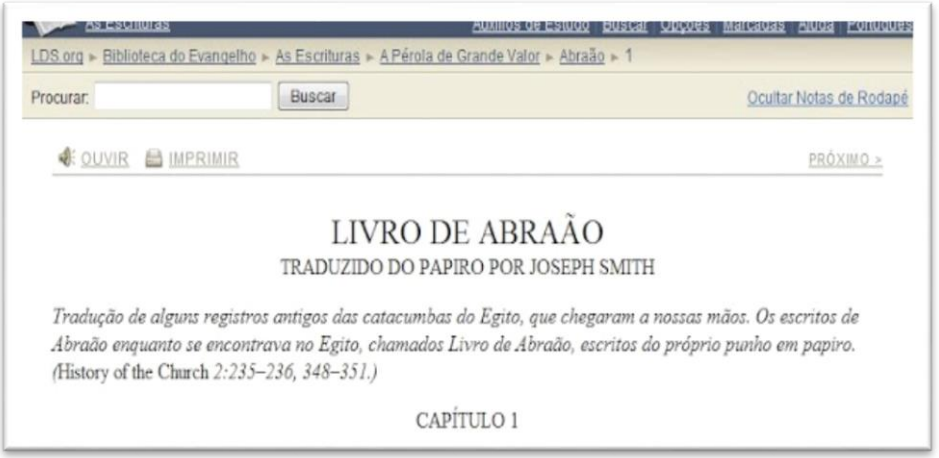
Egito, etc - a descrição mais completa já apareceu de sua época, conforme eu continuava a examinar ou desdobrá-los. Verdadeiramente podemos dizer, o Senhor começa a revelar a abundância da paz e da verdade. " (*History of the Church*, vol. 2, p. 236).

Surpreendido pela sua boa sorte em encontrar não só os escritos do patriarca bíblico Abraão, mas também os de José do Egito, vários membros da Igreja juntaram seu dinheiro e compraram os papiros e múmias de 2.400 dólares. Após cerca de sete anos, Joseph terminou a tradução do pergaminho que ele chamou de Livro de Abraão, mas ele morreu antes de traduzir o Livro de José a partir dos papiros. Wilford Woodruff registrou em seu diário, em 19 de fevereiro de 1842, que o Livro de Abraão foi literalmente escrito pelo próprio Abraão. Isto o tornaria a única cópia original existente de um livro bíblico. A data do registro de Abraão (cerca de 2.000 aC) seria cerca de 500 anos antes do Livro do Génesis, de autoria de Moisés, entre 1440-1400 aC.

- "Joseph, o Vidente apresentou-nos parte do Livro de Abraão, que foi escrito pela própria mão deste, mas que foi oculto do homem durante os últimos quatro mil anos, mas que agora veio à luz através da misericórdia de Deus." (*Diary of Wilford Woodruff*, entry of February 19, 1842, LDS archives; also in Jay M. Todd, *The Saga of the Book of Abraham* (Salt Lake City, Utah: Deseret Book Co., 1969), p. 221

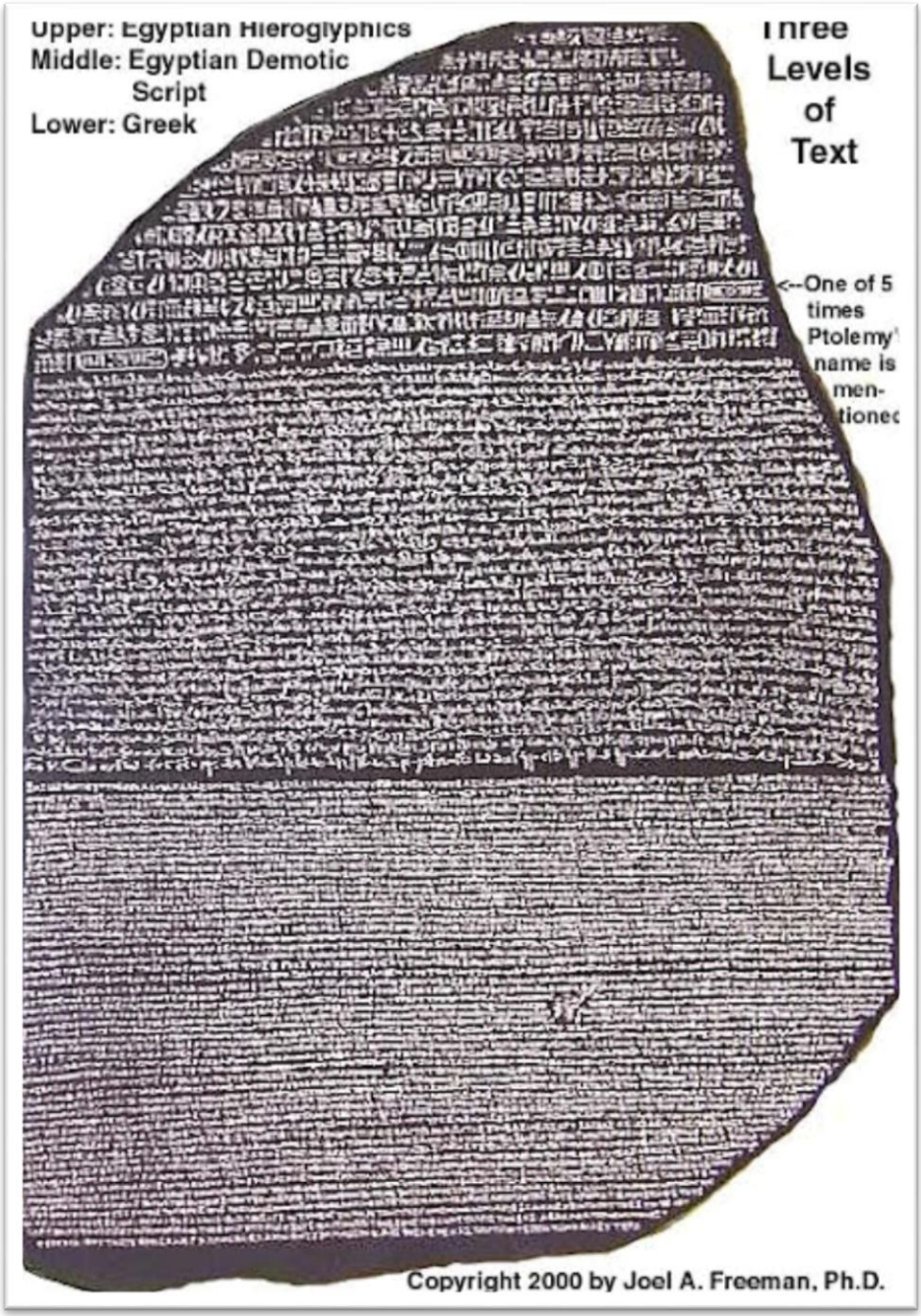
O Livro de Abraão é, portanto, considerado pela Igreja SUD, ter sido escrito pelo próprio Abraão, como mostrado no prefácio do próprio livro:

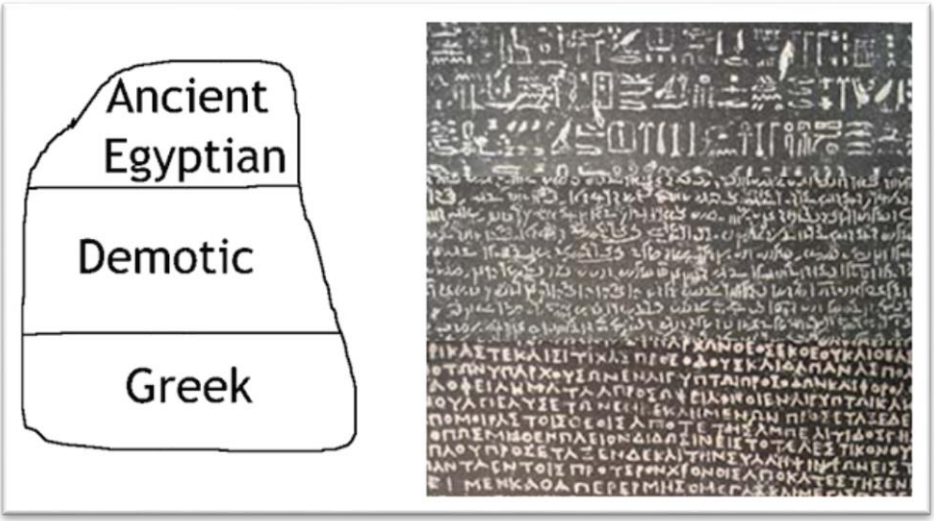
"LIVRO DE ABRAÃO
TRADUZIDO DO PAPIRO POR JOSEPH SMITH



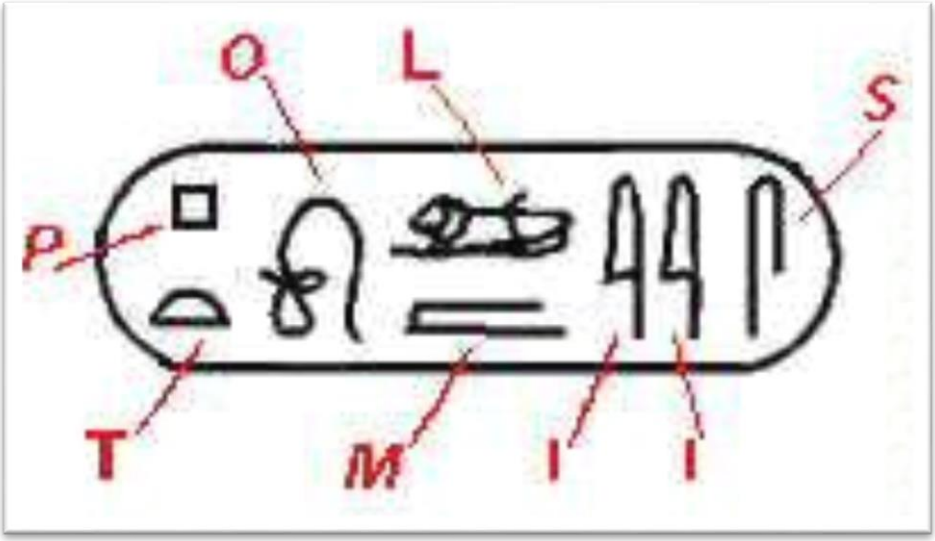
1 - A Pedra de Roseta

Essa pedra é um grande bloco de granito, facilmente confundido com basalto. Foi descoberta em 1799 por homens sob o comando de Napoleão Bonaparte enquanto cruzavam a região de Roseta, no Egito. O texto nela contido foi fundamental para a compreensão dos hieróglifos. Este foi compreendido pela primeira vez por Jean François Champollion em 1822 e por Thomas Young em 1823, comparando a versão em hieróglifos com a em grego. Ele refere-se à um decreto de Ptolemeu V Epifânio, do Egito ptolomaico.Os estudos da recém-descoberta Pedra de Roseta* mostraram que ela continha escritos em Hieróglifos Egípcios, Egípcio demótico (forma abreviada dos hieróglifos egípcios) e em Grego.


Upper: Egyptian Hieroglyphics
Middle: Egyptian Demotic Script
Lower: Greek
Three Levels of Text
<--One of 5 times Ptolemy' name is men-tioned
Copyright 2000 by Joel A. Freeman, Ph.D.

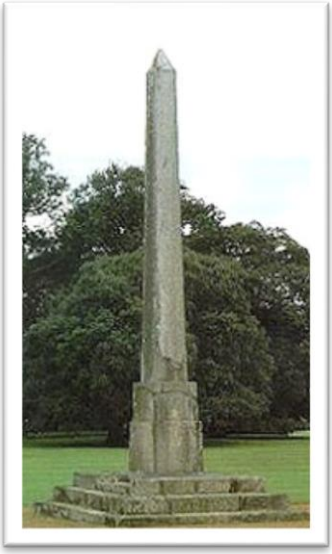


Os três tipos de escritos na Pedra de Roseta



Cartucho com o nome de Ptolomeu - da Pedra de Roseta

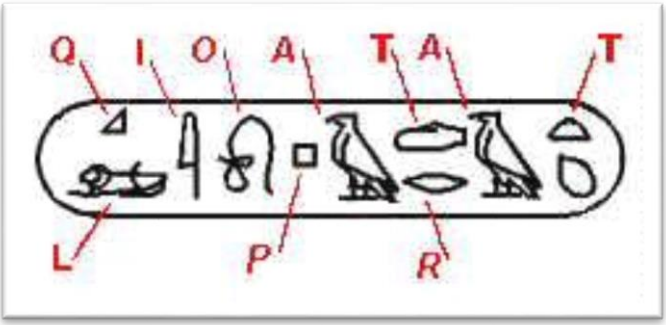
A primeira palavra do texto em grego da Pedra de Roseta que Champollion identificou entre os hieróglifos foi o nome de Ptolomeu, formado por oito sinais envolvidos por um cartucho.



Obelisco Philae

Com a descoberta de um Obelisco* em Philae, que também continha textos grafados em **hieróglifos**, **demótico** e **grego**, finalmente os hieróglifos tornaram-se mais claros para Campollion.

Posteriormente, este obelisco foi levado para a Inglaterra por W. J. Bankes em 1819 .



Cartucho com o nome de Cleópatra - do Obelisco

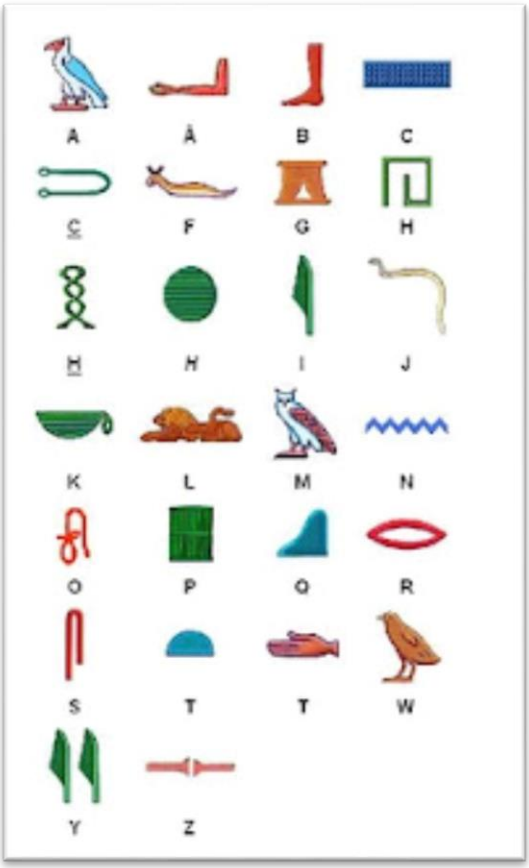
Nele aparecem, também dentro de cartuchos, os nomes do faraó Ptolomeu Evergetes II, e, pelo que pode ser deduzido pela inscrição grega ao pé do obelisco, o de sua esposa Cleópatra III.

2 - Comparação



Comparação entre os dois cartuchos

Comparando os cartuchos de Ptolomeu e Cleópatra, notou que possuíam em comum os sinais que representavam as letras *P, T, O* e *L*. Havia um pequeno complicador porque os dois sinais para a letra *T* eram diferentes em ambos os cartuchos. Ele deduziu, acertadamente, que eram sinais homófonos, isto é, eram símbolos iguais para o mesmo som como o que acontece, por exemplo, com *F* e *PH*. A conclusão lógica foi a de que alguns hieróglifos tinham mesmo o valor de letras.



Alfabeto egípcio

Na evolução de seus estudos, Champollion começou a deduzir os princípios da escrita egípcia. Considerando os símbolos isoladamente e tomando seus nomes em **copta**, percebeu a equivalência entre o valor do hieróglifo e a primeira letra da palavra naquela língua. Por exemplo, o leão, pronunciado *labor* em copta, tinha o valor da letra *L*; o desenho da mão, *toot* em copta, tinha o valor da letra *T*; o desenho da boca, *ro* em copta, tinha o valor da letra *R*, e assim sucessivamente. Finalmente, seus estudos forneceu a chave mestra para decifrar a línguagem egípcia

- Atualmente, a Pedra de Roseta encontra-se no Museu Britânico, em Londres, e o obelisco de Philae, no Estado de Kingston Lacy, em Dorset, ambos no Reino Unido.

O conhecimento da língua egípcia, por sua vez, permitiu aos peritos avaliarem objetivamente a tradução de dos papiros feita por Joseph. Inicialmente, pensou-se que os papiros tivessem sido destruídos no Grande Incêndio de Chicago, em 1871. No entanto, os egiptólogos ainda poderiam estudar os três fac-símiles incluídos no Livro de Abraão, bem como tradução de Joseph destes Fac-símiles. Os fac-símiles são 3, que encontram-se a seguir, e estão publicados na Pérola de Grande Valor –

Fac-Símile 1 - http://scriptures.lds.org/pt/abr/fac_1



Fac-símile 2 - http://scriptures.lds.org/pt/abr/fac_2



Fac-símile 3 - http://scriptures.lds.org/pt/abr/fac_3



O primeiro estudo foi realizado por M. Theodule Deveria do Louvre, em Paris. Deveria era capaz de decifrar os nomes e títulos dos vários deuses e deusas egípcios, bem como o nome do morto egípcio para quem o livro fora originalmente elaborado. Quanto Fac-símile n º 3, ele escreveu:

- "O falecido é liderado por Ma até a presença de Osíris. Seu nome é Hórus, como pode ser visto na oração que está no fundo do quadro, e que é dirigida às divindades dos quatro

pontos cardeais". (*Voyage au Pays des Mormons* (Paris, 1860).

Deveria reconheceu os três Fac-símiles como documentos funerários egípcios comuns e concluiu que as interpretações de Joseph eram um absurdo. Em 1912, a tradução de Smith seriamente questionada por um reverendo episcopal chamado Franklin S Spaulding. Spaulding publicou um livro de 31 páginas intitulado "Joseph Smith, Jun., As a Translator". Nele, estão inclusos os resultados de oito acadêmicos que examinaram os fac-símiles, ou desenhos, que são encontrados no Livro de Abraão. Todos os oito acadêmicos que responderam **foram unânimes na condenação das traduções de Joseph como sendo incorretas**. Os mórmons responderam solicitando os serviços de um homem chamado JC Homans, que escreveu sob o pseudônimo de "Dr. Robert C. Webb, Ph.D.". Homans não era nem um egiptólogo e nem sequer possuía um doutorado. Apesar de seus argumentos não convencerem os verdadeiros doutores da área, eles foram suficientes para aplacar os SUDs fiéis, e novamente o "testemunho" reinou sobre os fatos.

3 - O relato dos outo acadêmicos:

Dr. Arthur Mace, curador assistente para o Departamento de Arte Egípcia do Metropolitan Museum of Art, em Nova York, explicou:

- "**O Livro de Abraão, é desnecessário dizer, é uma invenção pura**. Os desenhos 1 e 3 são cópias imprecisas de cenas bem conhecidas em papiros de funerais, e o desenho 2 é uma cópia de um dos discos mágicos que, no

final do período egípcio, eram colocados sob as cabeças das múmias. Há cerca de quarenta destes últimos conhecidos em museus e todos eles são muito semelhantes nos seus caracteres.

- "**A interpretação de Joseph Smith** desses desenhos **é uma miscelânea de besteiras do começo ao fim.** Os caracteres egípcios agora podem ser lidos quase tão facilmente como o grego, e **um estudo de cinco minutos em uma galeria de qualquer museu egípcio deve ser o suficiente para convencer qualquer homem educado da inépcia deste impostor**". (F.S. Spalding, *Joseph Smith Jr., As a Translator,* 1912, p. 27)

Dr. A. H. Sayce de Oxford, Inglaterra, concordou:

- "É difícil lidar seriamente com a **fraude descarada de Joseph Smith.** O Fac-símile do Livro de Abraão n º 2 é um **hipocéfalus comum**, mas os hieróglifos sobre ele foram copiados de maneira tão ignorante que dificilmente um deles está correto. Preciso de pouco dizer que Kolobe e companhia são desconhecidos na língua egípcia. **Smith transformou uma deusa em um rei e Osiris em Abraão**". (Ibid., p. 23)

Dr. W.M. Flinders Petrie da Universidade da London University escreveu:

- "Examinei os exemplares da "Pérola de Grande Valor". Em primeiro lugar, são cópias (muito mal feitas) de conhecidos temas egípcios, dos quais tenho dezenas de exemplares. Em segundo lugar, todos eles são de muitos séculos depois de Abraão".

- "As tentativas de adivinhar o significado deles e **as professas explicações são absurdas demais**... Pode-se dizer com segurança que **não existe uma única palavra que seja verdadeira nessas explicações**." (Ibid., p. 24)

Dr. James H. Breasted, PhD do Museu Oriental Haskell, da Universidade de Chicago, declarou:

- "Será visto, então, que se Joseph Smith podia ler a escrita egípcia, sua capacidade de fazê-lo não tinha qualquer ligação com decifrar os hieróglifos, de acordo com os estudiosos europeus"...
- "**Os três Fac-símiles em questão são representações que têm sido encontradas em inumeráveis túmulos egípcios**... O ponto é, então, que ao publicar estes fac-símiles dos documentos egípcios como parte de uma revelação única para Abraão, Joseph Smith atribuiu a Abraão não três documentos únicos e que não existem outros exemplares, mas atribuiu a Abraão uma série de documentos que eram propriedade comum de toda uma nação, de pessoas que os empregaram em cada enterro, que se prepararam...".
- "**O Fac-símile número 2** representa um pequeno disco... comumente chamado entre os egiptólogos um hipocéfalus... Esses não entraram em uso até o final do século antes da era cristã. Eles não apareceram em qualquer enterro egípcio até mais de mil anos depois da época de Abraão. Eles **não eram conhecidos no Egito nos dias de Abraão"**.
- "**O Fac-símile n º 3** ... Este cenário novamente **é retratado inúmeras vezes em papiros de funerais, túmulo e caixões e paredes dos templos do Egito**. Nenhuma representação do cenário, até agora, foi encontrado no Egito - embora tenhamos milhares dele

- com datas anteriores a 500 anos após a época de Abraão, e pode-se afirmar como certeza que a cena era desconhecida até aproximadamente 500 anos após os dias de Abraão". (Ibid., pp. 24-27)

Dr. A.H. Sayce, Oxford, England:

- "É difícil lidar, de forma séria, com a fraude imprudente de Joseph Smith."

Dr. John Peters, Univ. da Pensilvânia:

- "As placas contidas na 'Pérola de Grande Valor' são bastante cômicas e uma imitação muito ruim quando comparadas com as originais egípcias".

Rev. Prof C.A.B. Mercer, Ph.D., Western Theological Seminary, Custodian Hibbard Collection, Egyptian Reproductions:

- "... as notas explicativas de seu Facsímile não podem ser levadas a sério por qualquer acadêmico, pois elas parecem ser sem dúvida, obra de pura imaginação."

Dr. Edward Meyer, da Universidade de Berlim:

- "O papiro egípcio que Smith declarou ser o "Livro de Abraão", e "traduziu" ou explicou de sua maneira fantástica, e dos quais três exemplares estão publicados na 'Pérola de Grande Valor', faz parte do conhecido 'Livro dos Mortos'. Embora as reproduções sejam muito ruins, qualquer um pode reconhecer facilmente as cenas familiares deste livro."

Dr. Friedrich Von Freiheer Bissing, professor de Egiptologia na Universidade de Munique:

- "Um estudo cuidadoso convenceu-me que Smith provavelmente acreditava seriamente ter decifrado os hieróglifos antigos, mas ele fracassou totalmente. O que ele chama de "Livro de Abraão" é um texto fúnebre egípcio, provavelmente não mais antigo do que a era Grega".

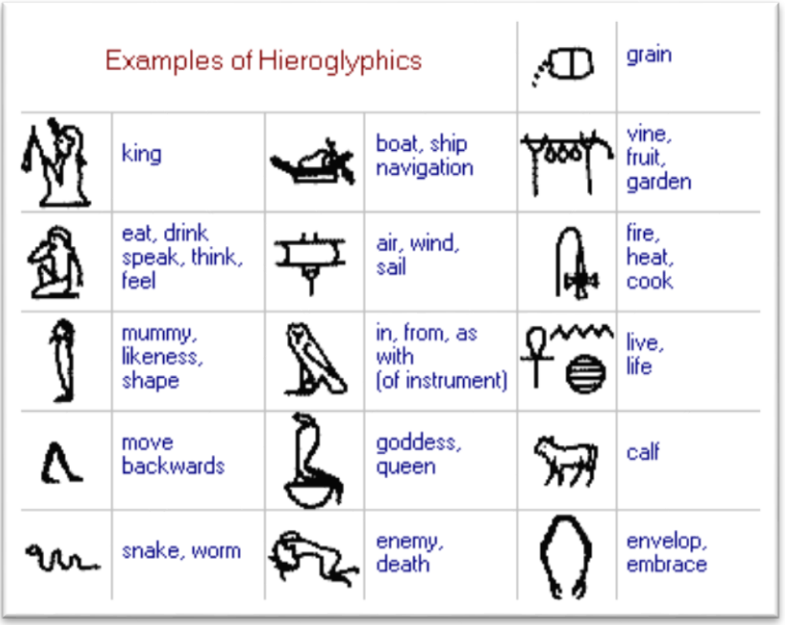
Assim, com base nos elementos fornecidos apenas pelos fac-símiles, os estudiosos concordaram que a tradução de Joseph estava errada. Além disso, determinou-se que Abraão não poderia ter possuído esses fac-símiles pelo menos nos casos nº 2 e 3, que passaram a existir apenas muito tempo de após a vida de Abraão.

Outras figuras:



Local onde se encontra o Obelisco Philae – Wimborne.





Símbolos com significado de palavras ou ideias (ideogramas).



Outros ideogramas

4 - Controvérsias - parte 2

Texto traduzido e adaptado de Mormonthink

1 - O Desafio de 1856

Extrato de Larson, By His Own Hand Upon Papyrus, p. 25

Foi em algum momento durante o ano de 1856, cerca de cinco anos após a Pérola de Grande Valor ser impressa na Inglaterra, que um dos pequenos panfletos encontrou o seu caminho para o

Louvre, em Paris. Lá, os fac-símiles do Livro de Abraão, juntamente com anotações de Joseph, foram levados ao conhecimento do Sr. Theodule Deveria. Como um dos pioneiros no campo da egiptologia, Deveria foi convidado a oferecer quaisquer comentários sobre essa obra. Para Deveria, o projeto provavelmente não parecia valer a pena um mínimo esforço. No entanto, ele prosseguiu, e imediatamente reconheceu os três desenhos como cópias de documentos funerários egípcios bastante comuns, e que ele já havia examinado centenas destes. A maioria das figuras em hieróglifos e hieráticos tinha sido muito mal transcrita para serem traduzidas, e alguns elementos em vários desenhos pareciam, para Deveria, serem adivinhação, provavelmente restaurações incorretas das seções que faltavam nos papiros originais. Ainda, a maioria dos principais elementos se encaixavam muito bem no padrão estabelecido e associado à mitologia egípcia e à preparação de documentos funerários comuns. O suficiente dos escritos era legível para Deveria decifrar os nomes e títulos dos vários deuses e deusas egípcios, e em um dos desenhos (fac-símile n º 3), ele foi capaz de determinar o nome do morto egípcio para quem o livro fora inicialmente preparado. Quanto ao fac-símile n º 3, ele escreveu:

- "O falecido é liderado por Ma para a presença de Osíris. Seu nome é Hórus, como pode ser visto na oração que está na base da figura, e que é dirigida às divindades dos quatro pontos cardeais".

Deveria rejeitou as explicações de Joseph como absurdas. Seus comentários apareceram pela primeira vez em francês em uma obra em dois volumes, de Jules Remy, Voyage au Pays des Mormons (Paris, 1860).

2 - O Desafio de 1912

Mais observações cáusticas foram feitas sobre as interpretações de Smith dos fac-símiles em 1912:

De: Larson, p. 27-28

Pelo menos foi assim que o Reverendo Franklin S. Spalding, bispo episcopal de Utah, viu a situação em 1912. Foi nesse ano que ele decidiu mandar cópias dos três fac-símiles do Livro de Abraão para alguns dos principais estudiosos do mundo da egiptologia, pedindo a cada um uma avaliação independente das interpretações de Joseph Smith.

Os oito egiptólogos e semitistas que responderam foram unânimes em seu veredito contundente:

"A interpretação de Joseph Smith desses desenhos é uma miscelânea de besteiras do começo ao fim", foi o relatório do Metropolitan Museum of Art de Nova York, que acrescentou que "cinco minutos de estudo em uma galeria de qualquer museu egípcio deve ser suficiente para convencer qualquer homem educado da impostura inépcia".

"... difícil de lidar seriamente com as fraudes descaradas de Smith", escreveu outro de Oxford, na Inglaterra. "Smith transformou a Deusa em um rei e Osiris em Abraão".

De Chicago: "... claramente demonstra que ele (Joseph Smith) estava totalmente desfamiliarizado com o significado desses documentos e absolutamente ignorante sobre os fatos mais simples da escrita e da civilização egípcia".

E de Londres: "... as tentativas de se adivinhar um significado são absurdas demais. Pode-se dizer com segurança que não há uma única palavra que seja verdadeira nessas explicações".

Críticas e mais críticas apareceram, dando uma ideia mais completa do que eram exatamenteos papiros de Joseph: textos funerários egípcios comuns.

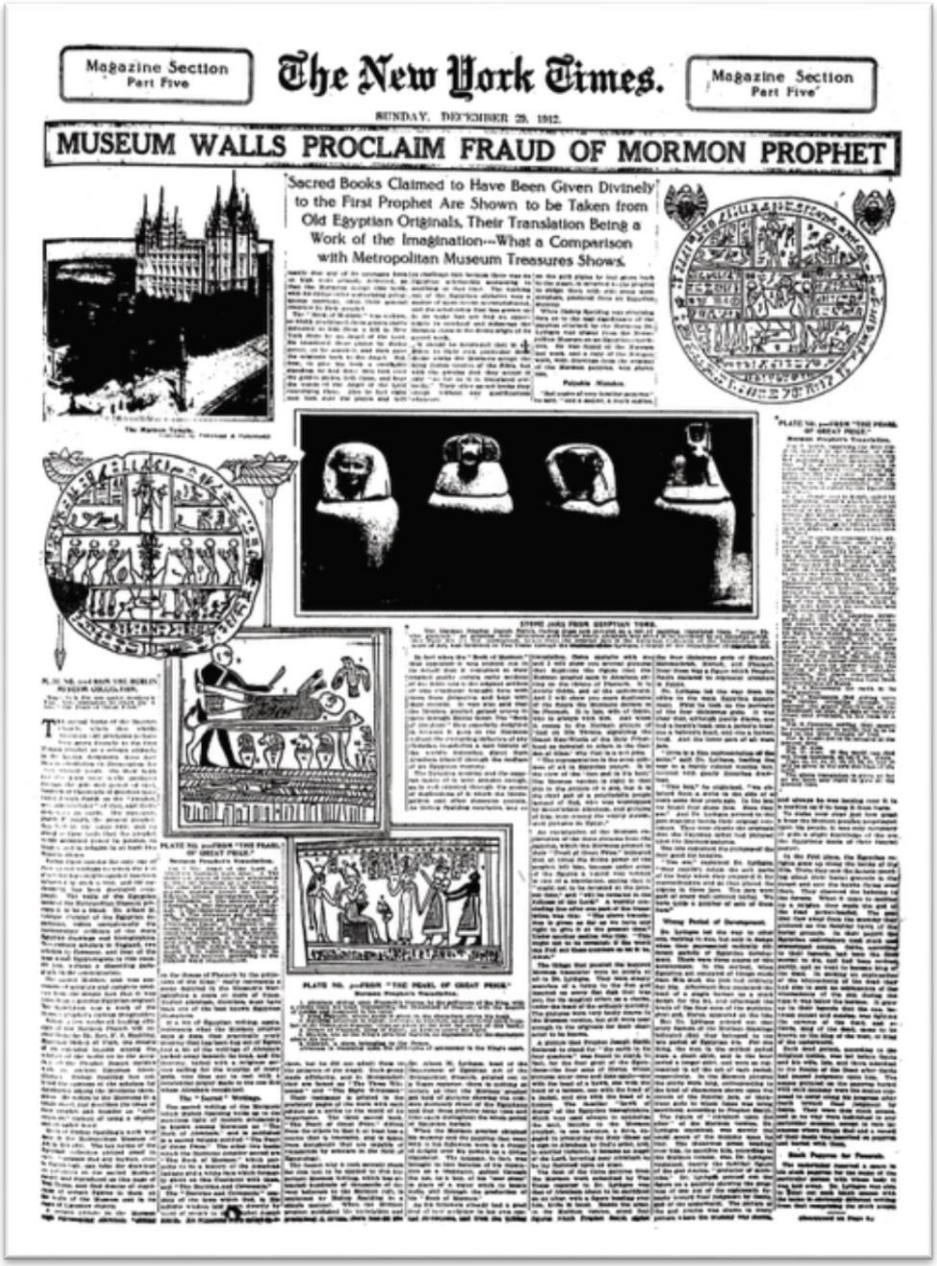
3 - O desafio dos mórmons

E então veio o desafio dos mórmons, expresso por um escritor mórmon:

Em 1913, o escritor mórmon John Henry Evans apontou em um artigo na Improvement Era, sancionado pela igreja, que menos de um sétimo de todo o Livro de Abraão estava representado pela porção do fac-símile, e o mesmo era apenas um acompanhamento para o texto . Evans afirmou que, a fim de ser justo sobre a verdadeira capacidade de Joseph traduzir o egípcio, e antes que os estudiosos pudessem sair alegando que todo o Livro de Abraão era uma tradução falsa.

- "eles teriam que examinar o papiro original, ou a cópia do mesmo, de onde o Livro de Abraão fora traduzido". (Larson, p. 28)

Nesse mesmo ano, no New York Times, foi publicada uma matéria sobre "a fraude do profeta mórmon" - veja a reportagem original AQUI e a figura abaixo.



Magazine Section
Part Five

The New York Times.

Magazine Section
Part Five

SUNDAY, DECEMBER 29, 1912.

MUSEUM WALLS PROCLAIM FRAUD OF MORMON PROPHET

Sacred Books Claimed to Have Been Given Divinely to the First Prophet Are Shown to be Taken from Old Egyptian Originals, Their Translation Being a Work of the Imagination—What a Comparison with Metropolitan Museum Treasures Shows.

Clique na imagem para ler em PDF.

O desafio de Evans, que ele acreditava ser, sem dúvida, uma impossibilidade no momento, voltaria para assombrar a Igreja SUD.

5 - Fac-símile No. 1 - parte 1

FAC-SÍMILE Nº 1 – significados

Traduzido e adaptado de MormonThink e 20 Truths About Mormonism

Joseph Smith deu explicações para os 12 elementos contidos nesta imagem. Porém, de acordo com as interpretações dos egiptologistas não mórmons, estas declarações são incorretas.

Veja as comparações abaixo e a figura:



Figura	Explicação de Joseph Smith [1]	Explicação de egiptólogos (citações de Deveria 1860) [2][3][4][5][6]
1	 O anjo do Senhor.	"A alma de Osiris (que deveria ter uma cabeça humana)"
2	Abraão amarrado sobre um altar.	"Osiris voltando à vida em seu sofá, que tem o formato de leão"
3	 O sacerdote idólatra de Elquena tentando oferecer Abraão em sacrifício.	"O deus Anubis (que deveria ter uma cabeça de chacal) efetuando a ressurreição de Osiris"
4	 O altar de sacrifício dos sacerdotes idólatras diante dos deuses de Elquena, Libna, Mamacra, Corás e Faraó.	"A cama funerária de Osiris"

5	 O deus idólatra de Elquena.	Jarro Canópico retratando Qebehsenuf com uma cabeça de falcão – um dos quatro filhos de Horus
6	 O deus idólatra de Libna.	Jarro Canópico retratando Duamutef com uma cabeça de chacal – um dos quatro filhos de Hórus
7	 O deus idólatra de Mamacra.	Jarro Canópico retratando Hapy com uma cabeça de macaco - um dos quatro filhos de Hórus
8	 O deus idólatra de Corás.	Jarro Canópico retratando Imsety com uma cabeça humana - um dos quatro filhos de Hórus
9	 O deus idólatra do Faraó.	"O crocodilo sagrado, símbolo do deus Sedet"

10	 Abraão no Egito.	"Altar rodeado de oferendas"
11	 Desenhado para representar os pilares do céu, como os entendiam os egípcios.	"Um ornamento peculiar da arte egípcia"
12	 Rauqueeian, que significa expansão, ou seja, o firmamento sobre nossa cabeça; mas neste caso, em relação a este assunto, os egípcios davam-lhe o sentido de Saumau, estar no alto, ou seja, os céus, que corresponde à palavra hebraica Saumaieem.	"Representação habitual do solo nas pinturas egípcias (a palavra Shauman não é egípcia, e a palavra hebraica está mal escrita)"

Mesmo quando o papiro original ainda não havia sido descoberto, Lythgoe fez sua avaliação e notou problemas com certos aspectos do Facsímile. Por exemplo, Lythgoe salientou que o que Joseph interpretara como um sacerdote corrupto tentando sacrificar Abraão era, de fato, Anúbis:

- "... O deus Anúbis, curvado sobre a múmia, está representado como um humano normal e com uma cabeça estranhamente não-egípcia, ao invés da cabeça de um chacal. E uma faca desenhada na mão desse deus". (The New York Times Magazine, dezembro, 1912).

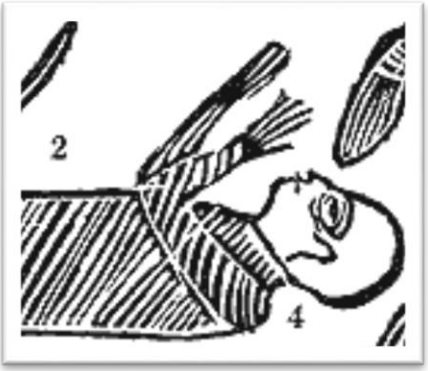
Isto ecoou das observações de Deveria meio século antes, que também observou que, para o pássaro do Facsímile n º 1 representar corretamente a alma de Osíris, "deveria ter uma cabeça humana".

De acordo com as declarações feitas por Richard A. Parker, professor de Egiptologia e presidente do Departamento de Egiptologia da Brown University, no Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Vol. 3, no. 2, Summer 1968, p. 86, lemos:

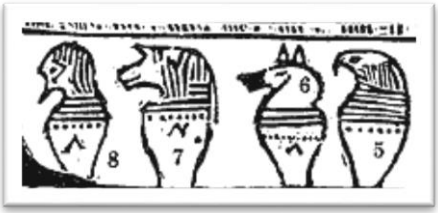


"Este é um cenário bem conhecido dos mistérios de Osíris, com Anubis, o deus com cabeça de chacal, na esquerda, ministrando o morto Osiris no esquife. A restauração à lápis está incorreta. Anúbis deveria ter a cabeça de chacal".

"O braço esquerdo de Osíris está, na realidade ao seu lado. A aparente mão erguida é parte da asa de um pássaro que segundo está pairando sobre o falo ereto de Osíris (parte rasgada)".



"O segundo pássaro é Isis e ela está magicamente grávida de Osiris morto e depois dá à luz a Hórus, que vinga o pai e assume a sua herança. O pássaro completo representa Néftis, irmã de Osíris e Ísis".



"Sob o caixão estão os quatro vasos canópicos com cabeças representativas dos quatro filhos de Hórus: Imseti com cabeça humana, Hapy com cabeça de babuíno, Duanutef com cabeça de chacal e Kebehsenuf com cabeça de falcão. Os hieróglifos referem-se ao enterro, etc...".

As declarações feitas por Klaus Baer, professor adjunto de egiptologia no University of Chicago's Oriental Institute in the

Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, pp. 118-119:

- "A vinheta no papiro de JS I é raro, mas existem paralelos nas paredes do templo Ptolemaico do Egito, sendo a mais próxima das cenas nas capelas de Osiris, no telhado do templo de Dendera".
- "A vinheta mostra a ressurreição de Osiris (que é também o falecido proprietário do papiro) e a concepção de Hórus. Osiris (2) é representado como um homem em um sofá-leão (4) recebido por Anubis (3), o deus com cabeça de chacal, que garantia a ressurreição e a existência no futuro dos mortos e embalsamados".
- "Abaixo do sofá estão os vasos canópicos para os órgãos internos embalsamados. As tampas são os quatro filhos de Hórus, da esquerda para a direita Imset (8), Hapi (7), Qebeh senuwef- (6), e Duwa-mutef (5), que protegem o fígado, pulmões, intestinos e estômago, respectivamente. Na cabeça do sofá há uma pequena mesa para oferendas (10) com um jarro e algumas flores sobre ela e dois vasos maiores ao lado. A alma de Osíris (1) está pairando sobre sua cabeça".
- "As versões do mito de Osíris diferem ao dizer como Seth eliminou Osiris após assassiná-lo, mas acreditava-se que Osiris fora cortado em pequenos pedaços, que se espalharam pelo Nilo, incubindo à Isis a tarefa de pescar para e montar os pedaços de seu irmão e marido, para que ele pudesse ser ressuscitado e gerar Hórus. Assim, ela foi ajudada por Hórus em forma de um crocodilo, que é representado na água (os zigue-zagues) abaixo da vinheta (9). Abaixo há um padrão decorativo derivado da fachada de um palácio egípcio".

- "Existem alguns problemas sobre como restaurar as partes perdidas do corpo de Osíris. Ele estava quase certamente representado mostrando o pênis ereto, pronto para gerar Hórus, como em muitas outras cenas em Dendera".
- "Não conheço nenhuma representações de Osiris em um sofá com as duas mãos na frente de seu rosto. Seria de esperar que apenas uma mão estivesse na frente do rosto, enquanto a outra estivesse ou por baixo do corpo (impossível no P. JS I) ou segurando seu falo. E seria difícil evitar a sugestão do professor Richard A. Parker que, o que se parece ser a mão elevada de Osíris é realmente a representação da asa de Isis como um falcão, pairando no ato da cópula".

Notas:

1 - "Mediation and Atonement". Fundamentalist Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. http://www.fldstruth.com/sysmenu.php?MParent=ARTICLES&MIndex=87&SParentID=60. Retrieved 2010-04-22.

2 - Rhodes, Michael D., The Joseph Smith Hypocephalus : Seventeen Years Later, http://www.lightplanet.com/response/BofAbraham/jshypo.htm, retrieved 2008-07-12

3 - Facsimile No. 1, http://scriptures.lds.org/abr/fac_1 , retrieved 2006-08-07
4 - Explanations in this table are based on the observations of Egyptologists Theodule Deveria, Michael Rhodes, John Gee, Parker, and Sir E. A. Wallis Budge as indicated in the subsequent references.
5 - Stenhouse 1878, pp. 510–519
6 - Parker 1968, p. 864

6 - Lacunas no fac-símile nº 1

Traduzido e adaptado de MormonThink

Em 1966, um pesquisador da Universidade de Utah, no Metropolitan Museum of Art, em Nova York fez uma surpreendente descoberta nos arquivos do museu. Enquanto estudava uma coleção de fragmentos de rolos de papiros egípcios, ele reconheceu uma das ilustrações de um dos fragmentos como quase idênticos ao "Facsimile 1 que aparece no livro de Abraão". Outras investigações revelaram o que ele suspeitava - estes eram, de fato, alguns dos fragmentos do papiro original que foram comprados pela igreja SUD em 1835. Em 1967, o Museu presenteou a igreja SUD com estes papiros. A própria Igreja fez um pouco do trabalho investigativo ao comparar os estudos modernos da egiptologia com as reivindicações de Joseph Smith sobre seu trabalho de tradução do Livro de Abraão. Mas quando se tornou óbvio que os resultados seriam muito desconfortáveis para a Igreja, este trabalho ficou extremamente lento. Investigadores externos à igreja finalmente obtiveram cópias adequadas do material e começaram a publicar seus próprios resultados. A linha básica das investigações de todos foi uma das secções do papiro com a escrita egípcia clara, a partir da qual Smith alegou que "traduziu" o livro de Abraão. Existiam também cópias manuscritas do trabalho de tradução original que continha os hieróglifos egípcios individualizados na margem esquerda da página, com a tradução para o inglês ao lado deles. Essas cópias manuscritas foram feitas pelos escribas regulares de Smith, que o ajudavam em seu trabalho. Os desenhos egípcios são claramente vistos em uma parte de uma das seções do papiro recuperado, exatamente na mesma ordem em que aparecem nas páginas "manuscritas" da tradução. Porém, erudito após erudito,

tanto dentro como fora da Igreja mórmon, declararam que não havia absolutamente qualquer conexão entre o texto do Livro de Abraão e o conteúdo dos documentos egípcios. Os papiros foram claramente identificados por todos como exemplos de documentos "funerários" comuns do Egito antigo. A parte usada por Smith foi de um documento chamado Livro das Respirações (Book of Breathings). Ele continha o nome específico do indivíduo falecido para o qual o livro havia sido preparado, e acompanharia essa pessoa no seu enterro para proporcionar-lhe orientações para a vida após a morte. O objetivo do livro era ensinar certas "mágicas" que o falecido precisaria usar na outra vida para aprender a "respirar" novamente.



Outros fragmentos de papiro da coleção eram do Livro Egípcio dos Mortos (figura acima), uma coleção de escritos mais antigos, mas com propósito semelhante.

O Livro das Respirações era, portanto, uma versão abreviada e atualizada do Livro dos Mortos, usado nas eras posteriores da história egípcia. De fato, o papiro usado por Smith a partir do qual "deriva"" o Livro de Abraão foi datado pelos estudiosos como sendo do período do século I dC - cerca de 2.000 anos depois da época de Abraão.

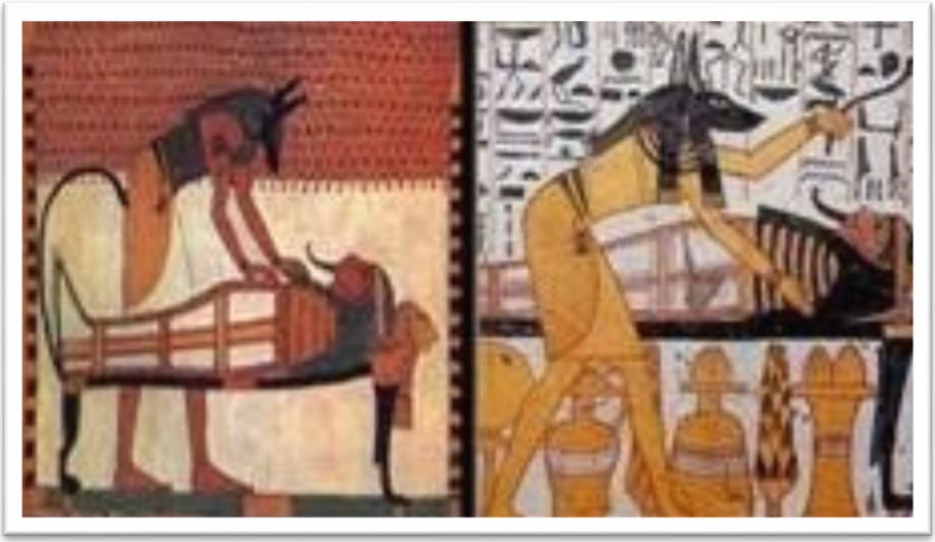
Quando o papiro foi recuperado em 1966, algo mais foi descoberto - o original, que Smith tinha usado, possuía lacunas, incluindo partes da imagem do Facsímile 1. Smith tinha, obviamente, pedido a um artista – ou ele mesmo – que "preenchesse" os dados que faltavam, de acordo com suas próprias especulações. Abaixo está uma foto dos fragmentos reais do papiro. Pode ser visto claramente quais as porções foram "reconstruídas" para a publicação dos escritos mórmons. O papiro foi obviamente colado a um pesado suporte de papel quando estava na posse de Smith (o verso do papel do suporte tinha um mapa da Kirtland, Ohio, e desenhos arquitetônicos de um templo), e um esboço bruto é óbvio nas áreas que faltam na ilustração original. Compare os detalhes do papiro original e do Facsímile editado:

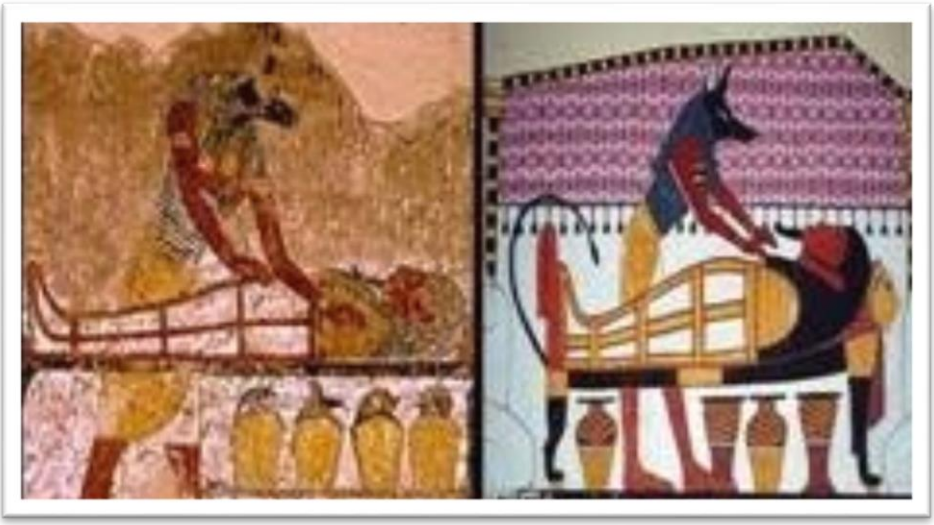


De acordo com um profissional de reconstrução de papiros, o Facsímile n º 1 devia ser semelhante à figura abaixo (Charles Larson, By His Own Hand Upon Papyrus, p. 65).



Outras figuras encontradas de Anúbis, ao "preparar" o morto para a vida eterna – veja as semelhanças abaixo:





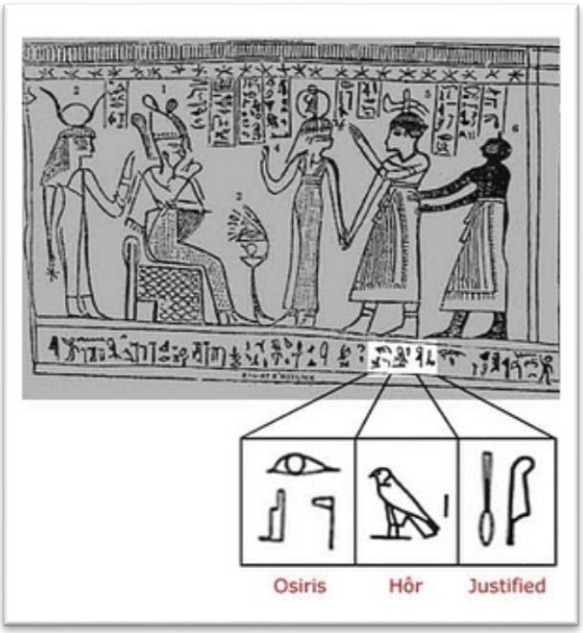
7 - Fac-símile Nº. 3 - Significados.

Traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraham - Chapter 6 - by Kevin Mathie

O Livro de Abraão, como atualmente publicado, inicia-se com o fac-símile n º 1, seguido de um texto, com fac-símile n º 2 inserido no meio do texto, e termina com o fac-símile n º 3. Porém, no papiro original - A Autorização da Respiração de Hor – o desenho de abertura conhecido como fac-símile n º 1 é seguido por texto, e termina com o desenho conhecido como fac-símile n º 3. O fac-símile n º 2 nunca fez parte deste livro, embora suas origens e a interpretação serão abordadas mais tarde. Por enquanto, o fac-símile n º 3 foi será estudado. Sabe-se que este desenho é parte do mesmo rolo do fac-símile 1, porque, como o primeiro, ele inclui o nome do falecido "Osíris Or" - veja abaixo:



Facsímile 1 - Or, o justo



Facsímile 3 - Osíris Or, o justo

A porção final do papiro original foi perdida. Acredita-se que possivelmente algumas colunas de hieróglifos e o fac-símile 3 estariam nesta porção. Esta cena particular corresponderia ao capítulo 125 do antigo Livro dos Mortos dos egípcios e mostraria

o falecido completando com sucesso sua jornada pós vida. Vejamos o fac-símile 3 e a comparação entre a interpretação de Joseph Smith e de egiptólogos:



	Joseph Smith	**Egyptologistas [7][8][9][10][11]**
Comentário geral	Abraão raciocina sobre os princípios da Astronomia, na corte do rei.	"Invocação (texto na linha inferior abaixo da ilustração): Ó deuses da necrópole, deuses das cavernas, deuses do sul, norte, oeste, leste, concedam salvação à Osiris Hor,

		o justo, nascido por Taikhibit". [1]
1	 Abraão sentado no trono do Faraó, por cortesia do rei, com uma coroa na cabeça representando o Sacerdócio como emblema da grande Presidência no Céu; na mão leva o cetro de justiça e juízo.	"A marca para Osiris (texto à direita da figura 1): Recitado por Osíris, o primeiro dos ocidentais, senhor de Abidos, o grande deus para todo o sempre." *
2		Esta figura não é apenas uma mulher ao invéz de um homem, mas é a deusa Isis, esposa de Osíris.  O objeto em sua mão é provavelmente um ankh (desenhado ligeiramente

	O rei Faraó, cujo nome é dado nos caracteres acima de sua cabeça.	incorreto), que é o símbolo da vida e ressurreição. Nas palavras acima da Figura 2 lê-se: " Isis, a grande, a mãe de Deus" .[2] 
3	 Significa Abraão no Egito, como aparece também na figura 10 do fac-símile número 1.	Na realidade, esta é simplesmente uma mesa com bebidas presente em todos os desenhos com figuras importantes de deuses. Note que ela também é encontrada no facsímile n º 2, as figuras 2 e 3, que também são deuses.

4	 Príncipe de Faraó, Rei do Egito, como escrito acima da mão.	Esta é uma mulher, e não um homem, e ela é a deusa Maat, a deusa da justiça - identificada pela pena em sua cabeça e a palavra acima de sua mão. Ela é a figura principal (figura 5) na presença de Osíris. No texto acima Maat lê-se: "Maat, a amante dos deuses" 3.
5	 Sulem, um dos principais servos do rei, como representado pelos caracteres acima de sua mão.	Como já mencionado, este é realmente o morto, vestindo o tradicional cone de gordura perfumada e a flor de lótus na cabeça. Os números acima da sua mão identificam-no como "Osiris Hor, justo para sempre" 4

6	 Olinla, escravo pertencente ao príncipe. Abraão está arrazoando sobre os princípios da astronomia na corte do rei	Fiel ao seu ponto de vista do século 19, Joseph identificada a única pessoa negra no desenho como um escravo. No entanto, este personagem é Anubis, guia dos mortos, que está ali para auxiliar o falecido. Ele o ajuda a completar a jornada pós-vida, auxiliando-o no uso das magias que estavam contidos em seu livro do funeral.  O desenho de Reuben Hedlock não é muito bom, talvez por causa dos danos do papiro original, mas Anubis é sempre negro, e sempre tem uma cabeça de chacal – pode-se perceber a orelha de cachorro no topo de sua cabeça. Nas palavras acima de Anubis lê-se: "A recitação de Anubis, que protege, o primeiro

		da câmara de embalsamamento... 5
Acima		No antigo Egito, as estrelas eram consideradas almas dos falecidos. Parece claro que nesta representação, estamos entrando na vida após a morte, e nos reunindo às as almas que entraram antes de nós.

* As figuras de deuses da arte egípcia geralmente podem ser identificadas por seus cocares, bem como a escrita associada à figura. Claro que, às vezes apenas uma identificação visual pode ser um pouco complicada, pois os antigos egípcios tinham uma propensão para combinar os valores dos deuses, ou de mostrar o mesmo deus em diferentes aspectos. Mas, em geral, cada deus tem um cocar único que os identifica. Neste caso, é óbvio que esta figura é Osiris, não só devido à escrita sobre ele, mas também devido à sua coroa Atef. A coroa Atef é uma combinação do "Hedjet" (a coroa branca do Alto Egito - figura 1 abaixo) e as penas vermelhas de Busíris, centro de culto de Osíris no Delta - figura 2 abaixo.

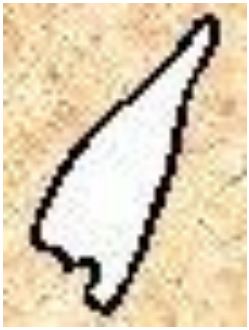


Figura 1



Figura 2

O escrito acima da Figura de Osíris afirma: "Recitado por Osíris, o primeiro dos ocidentais, senhor de Abidos, o grande deus para todo o sempre." [6]



Notas:

1. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 177

2. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 176. Also corroborating the identification of "Figure 2" as Isis, see Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 145; also, Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 126

3. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 176. Also corroborating the identification of "Figure 4" as Maat, see Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 145; also, Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 126

4. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 176. Also corroborating the identification of "Figure 5" as the deceased, Hôr, see Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 145; also, Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 126

5. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 177. Also corroborating the identification of "Figure 6"as Anubis, see Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 145-146; also, Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 126

6. Robert K. Ritner, "'The Breathing Permit of Hor' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near East Studies, 62 no. 3 (Sept. 2003), p. 176. Also corroborating the identification of "Figure 1" as Osiris, see Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 145; also, Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 126

7. Stenhouse, Thomas B. H. (1878), The Rocky Mountain Saints: A Full and Complete History of the Mormons, New York: D. Appleton and Company, http://books.google.com/?id=UEgOAAAAIAAJ&printsec=titlepage&dq=the+rocky+mountain+saints+a+full+and+complete+history+of+the+mormons , pp. 510–519

8. Parker, Richard A (August 1968), "The Joseph Smith Papyri: A Preliminary Report", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, http://content.lib.utah.edu/cdm4/document.php?CISOROOT=/dialogue&CISOPTR=1659&REC=10, retrieved 2007-05-18.p. 86
9. Gee, John (1991), Notes on the Sons of Horus, Provo, Utah: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies.
10. Explanations in this table are based on the observations of Egyptologists Theodule Deveria, Rhodes, John Gee, and Parker as indicated in the subsequent references.
11. Ritner, Robert K (July 2003), "'The Breathing Permit of Hôr' Among the Joseph Smith Papyri", Journal of Near Eastern Studies. pp. 176–177

8 - Fac-símile 1 E 3

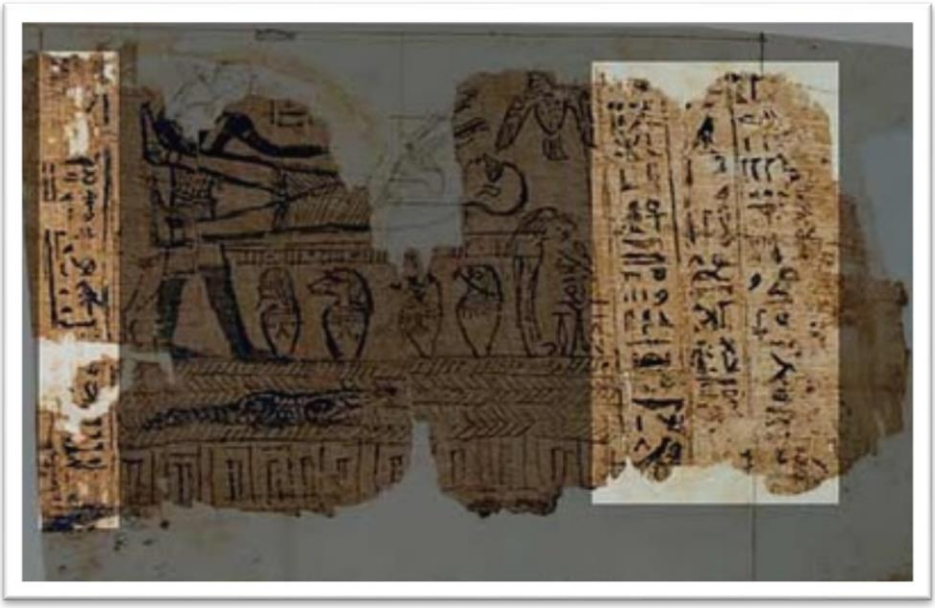
Texto entre os fac-símiles 1 e 3

Texto traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraham - Chapter 6 - by Kevin Mathie

O eminente Dr. Klaus Baer afirmou que, definitivamente o papiro que está em posse da igreja SUD foi o mesmo que Joseph Smith usou na para a confecção do Livro de Abraão, na Pérola de Grande Valor Sabemos agora o que o início e o final do rolo de papiro realmente contêm. Mas qual o conteúdo da porção central do papiro? O Dr. Baer foi um dos professores de Hugh Nibley na leitura de caracteres egípcios, foi professor de Egiptologia da Universidade do Instituto Oriental de Chicago, e foi convidado pelo

Dr. Nibley para viajar para Provo, estudar os papiros e dar sua análise

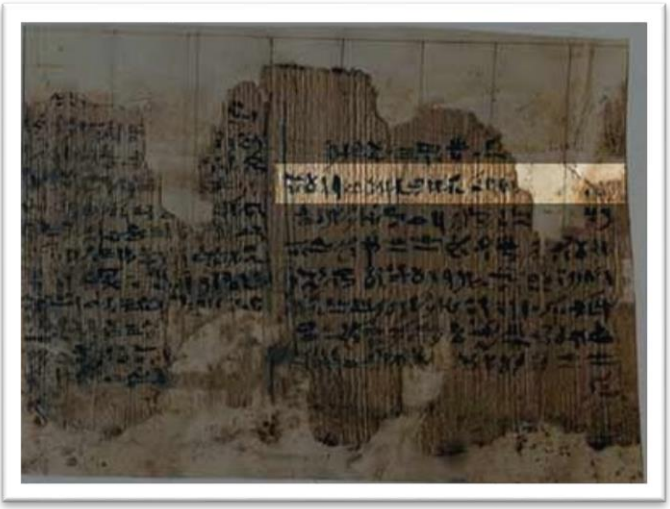
O Livro de Permissão de Respiração pertence ao sacerdote Or, filho do sacerdote Osorwêr e da senhora Tikhebyt (informações recolhidas tanto do primeiro quanto do segundo fragmentos). A escrita é do período final da era Ptolomaica ou do início do Período Romano, por volta da época de Cristo. Vimos através dos manuscritos traduzidos quais caracteres foram usados para criar o Livro de Abraão. Vamos ver como os egiptólogos traduzem esses mesmos caracteres. A tradução a seguir é baseada na realizada pelo Dr. Robert K. Ritner (University of Chicago) e publicada no Journal of Near East Studies, em setembro de 2003, pp. 161-180. As seções que faltam estão indicadas com [colchetes].



(I / 1) ["Osiris, o pai de deus], profeta de Amon-Re, Rei dos Deuses, o profeta de Min, que abate seus inimigos, profeta de Khonsu, aquele [que exerce] autoridade em Tebas,
(I / 2) [...]... Hor, filho, o justo, filho de título similar de visionário de segredos e purificador de Deus, Osorwer, o justo, nascido pela [dona de casa e jogador de sistro]
(I / 3) [Amon-] Re, Taikhibit, a justa! Que o seu espírito possa viver entre eles, e que você possa ser enterrado no oeste [de Tebas]."
(I / 4) ["O Anubis (?), 51...] o justo (?).
(I / 5) [Que você possa dar-lhe] um enterro bom e esplêndido a oeste de Tebas como nas montanhas de Ma [nu](?)."



[Osiris será levado] para o grande lago de Khonsu,



e também [Osiris Hor, o justo,] nascido de Taikhibit, a justa,



depois que seus dois braços foram [colocados] sobre seu coração, enquanto



o Documento de Respiração, sendo que



está escrito em seu interior e exterior, deve ser envolto em linho real e colocados (sob) seu braço esquerdo, no centro do seu coração. O restante de seu



envoltório deve ser feito sobre ele. Quanto àquele para quem este livro é feito,



que ele respire assim como os espírito [s] ba dos deuses, para sempre e sempre.



Para os propósitos aqui, nós não iremos além do que Joseph Smith foi nos Manuscritos Traduzidos. No entanto, Ritner, em setembro de 2003, no Journal of Near Eastern Studies continuou a traduzir o resto do rolo de papiro. Basta dizer que nada relacionado a Abraão foi mencionado. O restante do rolo inclui seções da Permissão da Respiração de Or, bem como instruções para envolver a múmia. Em resumo, o papiro que alegadamente possuía o Livro de Abraão, foi elaborado da seguinte forma: (1) desenho 1, também conhecido como fac-símile n º 1, (2) O texto com instruções, conforme descrito acima, em parte, pelo Dr. Ritner, seguido por (3) desenho 2, também conhecido como fac-símile n º 3. Como podemos saber com certeza que a Permissão da Respiração estava ligada diretamente ao desenho 1? Porque o material do papiro é criado por maceração e secagem do mesmo material juntos. Nesse processo, os padrões de fibra de cada papiro são exclusivos - semelhante às impressões digitais em um ser humano.

Quando Hugh Nibley inicialmente estudou os fragmentos de papiros da Igreja, ele os nomeou de forma aleatória, sem saber a ordem correta para dispô-los, mas quando o Dr. Klaus Baer visitou Utah e viu os papiros (a convite do Dr. Nibley), Dr . Baer alinhou os padrões das fibras dos papiros, e assim conseguiu uma correspondência exata. Isso, juntamente com o texto comparado com outras Permissões de Respiração, assegura que a ordem do papiro está correta.[1]

9 - O Fac-símile 2

Texto traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraham - Chapter 7 - **by Kevin Mathie**

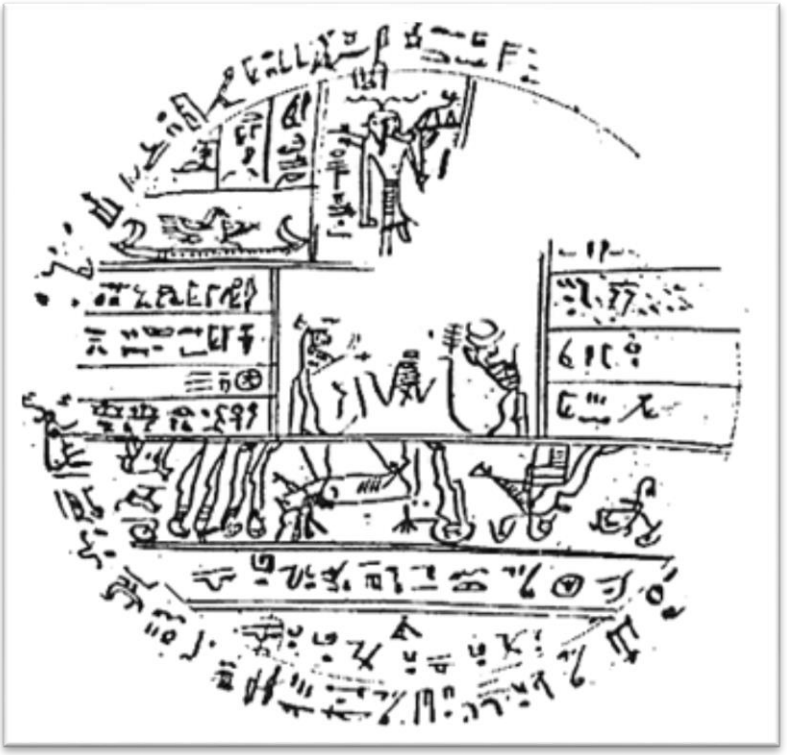
O papiro onde contém o Fasímile 1, também contém os hieróglifos "traduzidos" por Smith e o Facsímile 3. Porém, onde se encaixa o Facsímile 2 (figura abaixo)?



Historicamente, os SUDs foram levados a acreditar que ele estava no mesmo documento - ie., no documento manuscrito de Abraão. Lembremos que Joseph recebeu quatro múmias. Com elas, estavam presentes cinco diferentes textos.[1] Os três textos que se aplicam ao nosso estudo são:

- A Autorização da Respiração de Or.
- O Livro dos Mortos, documento pertencente à senhora Tshenmîn, cuja mãe era Skhons. Os escritos datam da segunda metade do período Ptolomaico, talvez em torno de 100 aC. Este é o papiro que Joseph Smith acreditava conter o livro de José.
- O Livro dos Mortos, documento pertencente a uma pessoa chamada Sheshonk.

O último documento (3) era um "hipocéfalo", assim chamado por ser colocado sob a cabeça do morto (ou seja, literalmente "hipo"- sob, "cephalus"- cabeça), a fim de manter magicamente a cabeça quente e preservada. [2] O fac-símile n º 2 é um hipocéfalo feito para Sheshonk. Joseph Smith simplesmente usou este desenho, combinou-o com as duas vinhetas do Livro de Permissão de Respiração de Or, e incluiu-o em seu Livro de Abraão. Traduzir e interpretar o hipocéfalo é um pouco mais difícil do que as vinhetas de Or, pois Reuben Hedlock fez uma cópia ruim do desenho e houve uma restauração incorreta de áreas degradadas no documento original. Uma representação inicial - provavelmente a primeira - deste hipocéfalo encontra-se abaixo. Observe a clara indicação das regiões que estão ausentes no papiro.



As vinhetas nas secções danificadas foram provavelmente "restauradas" da mesma forma que Anubis foi "restaurado" na primeira vinheta de Or. Já a escrita na borda e o quadrado bem à direita da região central (foto abaixo) foram "restaurados" através de cópia dos hieróglifos contidos no Livro de Permissão de Respiração de Or. Sabemos que eles são os mesmos hieróglifos do Livro de Permissão de Respiração de Or porque são hieráticos, em oposição aos hieróglifos (que compõem o resto dos escritos deste hipocéfalo). Ainda, é possível determinar especificamente de quais linhas específicas dos Papiros de Joseph Smith esta escrita hierática foi copiada.



Figura abaixo: localização do hipocéfalo e, em destaque, as "restaurações" feitas por Smith.



1 - Uma nota sobre os hipocéfalos em geral

Antes de nos aprofundarmos na interpretação e tradução do hipocéfalo conhecido como Facsímile 2, vamos nos familiarizar com os hipocéfalos em geral. Embora Joseph Smith aparentemente pensasse que este hipocéfalo fosse um estudo dos conceitos cósmicos, os egípcios o conceberam como um documento funerário que continha imagens e textos selecionados de suas crenças religiosas de longa data, que ajudaria o falecido ao longo de sua jornada rumo à vida após a morte. Mesmo a forma do hipocéfalo era significativa neste contexto.



Para os antigos egípcios, o círculo simbolizava a eternidade, e eles usaram-no no glifo denominado "shen" (acima), que se parece com um círculo feito de uma corda. Muitas vezes, o disco solar é representado no centro dele. A palavra “shen” vem da palavra “shenu", que significa abraçar. Na sua forma alongada, o “shen” torna-se uma cártula que envolve o nome do rei. Outra maneira de escrever a eternidade era duas cordas torcidas de cada lado do sinal de Ra, que também era um círculo, mas com um ponto no centro. No contexto do hipocéfalo, a forma de um círculo, sem dúvida, representa a eternidade. A escrita e vinhetas dentro do círculo que compõem o hipocéfalo são sobre a transformação. Transformação é a palavra-chave no conceito egípcio da jornada na vida futura. O falecido se transforma em um ser espiritual, ou seja renasce como um. Para simbolizar isso, os antigos egípcios usaram o fenômeno mais evidente da natureza que conheciam -

o sol e seu renascimento diário. Imagens da fertilidade também são usadas, muitas vezes em paralelo com animais, como bois, carneiros, etc

Quanto ao conteúdo específico no interior deste hipocéfalo, vulgarmente conhecido como Facsímile 2, temos aqui um pequeno resumo:

- Começando com a escrita na parte inferior, pede que o túmulo do falecido não seja profanado e que sua alma não seja profanada no outro mundo.
- Em seguida, os desenhos na parte inferior (de cabeça para baixo), representam o renascimento ou transformação do morto para a vida eterna e o reino divino. Novamente, simbolizando o processo de renascimento/transformação está o deus da fertilidade Min, seguido pela deusa Hathor, que ali se encontra para cumprimentar o falecido.
- Em seguida, avançando para o centro, a condição de vida após a morte é descrita, juntamente com uma invocação solicitando que pudesse ser concedida a vida eterna ao falecido (ver texto à esquerda da vinheta). Por último, o alto simboliza o falecido ganhando a vida eterna.

Além dos desenhos, existem os escritos que eram tirados do Livro dos Mortos (cap. 162) [3], e que eram personalizados para cada pessoa com quem o hipocéfalo seria sepultado. No fac-símile 2, o escrito era originalmente em hieróglifos (a forma antiga de escrita egípcia), mas muitas das seções que faltam no original foram preenchidas com símbolos hieráticos (que foi uma forma de escrita egípcia recente). Os hipocéfalos apareceram pela primeira vez em torno de 663-525 AEC [4], que é, naturalmente, muito distante da época de Abraão, que teria vivido por volta de 2200 AEC e 1500 AEC.

2 - Fac-símile 2 - Número por número

Um dos problemas em discutir fac-símile 2 é que não existe o original. Existe apenas uma cópia "restaurada" de forma imprecisa do desenho original. Portanto, em um esforço para visualizar como as figuras originais provavelmente pareciam, vamos observar um hipocéfalo muito semelhantes do British Museum:

Figura 1



Joseph Smith disse que a Figura 1 era: "Colobe, que significa a primeira criação, a mais próxima do celeste, ou seja, da morada de Deus. A primeira em governo, a última pertencente ao cálculo de tempo. O cálculo segundo o tempo celestial, tempo celestial esse que significa um dia por côvado. Um dia em Colobe é igual a mil anos, de acordo com o cálculo desta Terra, que é chamada pelos egípcios Ja-o-e."



Observe as diferenças entre a Figura 1 do fac-símile 2 na esquerda e o mesmo número no hipocéfalo do British Museum à direita. Além disso, lembre-se que esta região foi uma das danificadas no hipocéfalo original (veja a foto mais). Houve um pouco de controvérsia no passado, entre alguns defensores da Igreja e egiptólogos, se esta figura deveria ter quatro cabeças ou se seria possível ter apenas duas. Embora duas cabeças não sejam inéditas nesta figura, neste contexto o número correto de cabeças é quatro, conforme ilustrado na figura à direita.

Quanto à figura 1, o Dr. Samuel A.B. Mercer, Ph.D., disse:

- "Ela representa o deus de quatro cabeças, uma forma de Khnumu no qual ... os espíritos dos quatro elementos estavam unidos".[5]

Khnumu, também escrito como Khnum e Khnemu, é um dos mais antigos deuses do Egito antigo. Ele é considerado um deus criador, e teria criado o homem de argila em uma roda de oleiro. 6 Quando representado com quatro cabeças, Khnumu estava unindo dentro

de si os atributos de quatro outros deuses: Ra, Shu, Gebb, e Osíris – ou seja, as quatro primeiras gerações da criação.7 Os babuínos, estão adorando as almas daquele reino.8 No hipocéfalo do British Museum, no entanto, há um simbolismo duplo também. A palavra "ba", que é traduzido como "alma", está escrita com uma perna, e as estrelas eram consideradas as almas dos falecidos. Como podemos ver ambos são retratados no hipocéfalo à direita. Seria interessante ver o original do Facsímile 2. Parece haver indícios de um par de pernas, representando a palavra "ba".

Figura 2



Joseph Smith disse que esta figura: "Fica perto de Colobe, chamada pelos egípcios Oliblis, que é a seguinte grande criação governante próxima do celeste, que é o lugar onde Deus reside; também possui a chave do poder em relação a outros planetas; como revelado por Deus a Abraão quando oferecia sacrifício sobre um altar que ele construíra ao Senhor."

Dr. Mercer disse que a Figura 2:

- "Representa um deus com duas faces - o duplo aspecto do sol ao nascer e ao se por". [9]

Esta figura usa o capacete de Amon, e é identificado como Amon-Rá pelo erudito Michael D. Rhodes, da BYU.10 A representação do sol nascendo e se pondo era muito importante para os egípcios neste contexto, pois simbolizava o renascimento/transformação no reino espiritual após a morte ocorrer. Lembre-se que esta figura também faz parte da região superior do hipocéfalo, em que o falecido tinha alcançado sua meta de vida eterna. Por sinal, "Oliblish" não é uma palavra conhecida do Egito.

Figura 3



A figura 3 está na seção danificada do hipocéfalo original. Como pode ser observado nas três fotos acima, a mesma seção do hipocéfalo do British Museum (direita) é muito diferente daquela contida no fac-símile 2 (à esquerda), mas observe a semelhança entre a foto no meio com a Figura 3 à esquerda. Curiosamente, a imagem do meio é um segmento do papiro identificado como o "Livro de José". Talvez tenha restado o suficiente do hipocéfalo original para que Joseph fizesse as extremidades de uma barca -

perceba que o hipocéfalo do British Museum à direita tem uma barca no mesmo lugar. Talvez Joseph deduzisse que poderia colocar uma figura de uma barca na seção danificada, e, querendo ser autêntico e percebendo que havia outra figura em um formato de barca no papiro do livro de José, ele pediu que Rueben Hedlock fizesse uma cópia da figura do livro de José para o hipocéfalo.

Eis o que Joseph disse que significava:

- "Feita para representar Deus sentado em seu trono, revestido de poder e autoridade, com uma coroa de luz eterna na cabeça; representa também as importantes palavras-chave do Santo Sacerdócio, como reveladas a Adão no Jardim do Éden, e também a Sete, Noé, Melquisedeque, Abraão e a todos a quem o Sacerdócio foi revelado".

Dr. Samuel Mercer identificou a figura como:

- "Hórus-Re sentado em seu barco com o usuário, o cetro real que dá o domínio sobre o céu e a terra em sua mão. Está com ele dois olhos-uzat. Estes eram usados como amuletos para a proteção contra o mau-olhado. Ele está coroado com o disco solar e ruaeus. Uma mesa de oferendas está diante dele".[11]

A divindade, no canto superior, é o Bennu, que às vezes era retratado como um pássaro e outras vezes como um homem com uma cabeça de Bennu. O Bennu é um símbolo de estar unido a Ra, uma vez que ele é "a alma de Ra". E o Khepri (abaixo do Bennu) termina a história da transformação do falecido contada no hipocéfalo, descrevendo o falecido como o nascer do sol, ou seja, o morto renasce e é simbolizado como sendo o sol nascendo.

Figura 4



Joseph Smith disse que esta figura:

- "Corresponde à palavra hebraica Rauqueeian, que significa expansão, ou seja, o firmamento dos céus; também um algarismo que, em egípcio, significa mil; corresponde à medida de tempo de Oliblis, que é igual a Colobe em sua revolução e em sua medida de tempo".

Esta figura não parece ser muito comum, mas é interessante. Dr. Mercer disse que ela representa Sokar, 12, provavelmente baseado no fato de que este é um falcão, e Sokar é frequentemente representado como um falcão. As asas estendidas indicam o domínio do espírito ou vida após a morte, e uma vez que a metade inferior da figura está mumificada, parece que isto representa o falecido – ou seja, a união do falecido com o reino espiritua; o nascimento de Hórus no outro mundo.

Figura 5



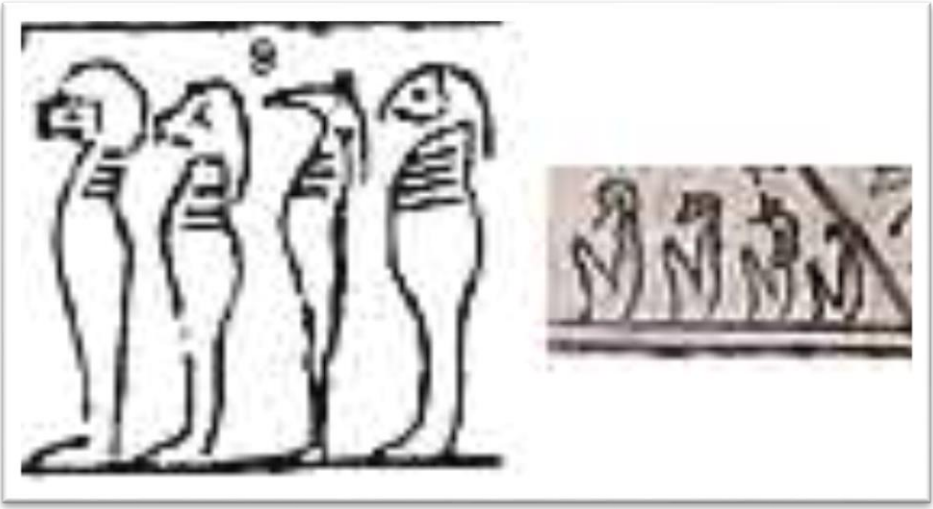
Joseph disse que esta figura:

- "Chamada, em egípcio, Enis-go-on-dos; este também é um dos planetas governantes e os egípcios dizem ser o Sol e tomar emprestada a luz de Colobe, por meio de Cae-e-vanrás, que é a Chave suprema ou, em outras palavras, o poder governante, que governa quinze outros planetas ou estrelas fixos, assim como também Floeese, ou seja, a Lua, a Terra e o Sol em suas revoluções anuais. Este planeta recebe seu poder por meio de Cli-flos-is-es, ou Há-co-cau-beam, as estrelas representadas pelos números 22 e 23, recebendo luz das revoluções de Colobe".

Dr. Mercer disse:

Que a figura 5 "representa a vaca de Hathor, atrás da qual está uma deusa com a cabeça de uzat segurando uma árvore sagrada". Ele também observou que não existe essa palavra egípcia como "Enish-go-on-dosh". [13] Kae-e-vanrash, Floeese, Hah-ko-kau-beam e Kli-flos-is-es são transliterações do hebraico que foram, sem dúvida, o resultado do estudo do hebraico que Joseph estava fazendo com o professor Seixas. No contexto funerário, Hathor é o que recepciona o falecido.

Figura 6



Joseph disse que esta figura:

- "Representa esta Terra em seus quatro cantos."

Estas são entidades muito bem conhecidas como os quatro filhos de Hórus. Defensores das interpretações de Joseph Smith gostam de chamar isso de um "tiro certeiro" para Joseph, em que os Filhos de Horus são associadas com os quatro pontos cardeais da terra, do Norte (Hapy), Sul (Imsety), Leste (Duanutef) e Oeste (Qebehsenuef). No entanto, chamar a isto um "tiro certeiro" é um exagero. Os quatro Filhos de Horus são associados aos pontos cardeais em apenas um aspecto, e nunca em um contexto funerário como este.[13a] Num contexto funerário, o Filhos de Horus eram vistos como protetores dos órgãos internos do falecido. Imsety protegia o fígado, Hapy protegia os pulmões, Duanutef protegia o estômago e Qebehsenuef protegia os intestinos.

Figura 7



Joseph Smith disse que a figura 7,

- "Representa Deus sentado em seu trono, revelando através dos céus as supremas palavras-chave do Sacerdócio; como também o sinal do Espírito Santo a Abraão, na forma de uma pomba".

Esta figura é claramente o deus itifálico Min. Próximo à Min, mostrado mais claramente no hipocéfalo do British Museum, à direita, está a serpente itifálica que representa Atum, cujo poder de criação foi muitas vezes representado na forma de uma cobra. A pose itifálica enfatiza este aspecto criativo. Provavelmente o desenho danificado de Atum no fac-símile 2 foi interpretada por Joseph como uma figura "na forma de uma pomba", em vez de uma serpente. No geral, todo esse registro inferior descreve a entrada do falecido no reino divino na vida após a morte e o início de sua transformação - o seu renascimento para o reino, representado por estas figuras itifálicas.

Figuras 8 a 11

Joseph deu as seguintes traduções destas figuras:

- Fig. 8. Contém escritos que não podem ser revelados ao mundo; mas que se encontram no Templo Santo de Deus.
- Fig. 9. Não deve ser revelada no momento.
- Fig. 10. Idem.
- Fig. 11. Idem. Se o mundo conseguir descobrir estes números, que assim seja. Amém.



Joseph Smith parece ter numerado essas figuras de trás para frente. A escrita deve ser lida de cima para baixo, a partir da Figura 11 até Figura 8. Segundo Michael D. Rhodes, da BYU, as figuras de 11 a 8 significam, na verdade:[14]

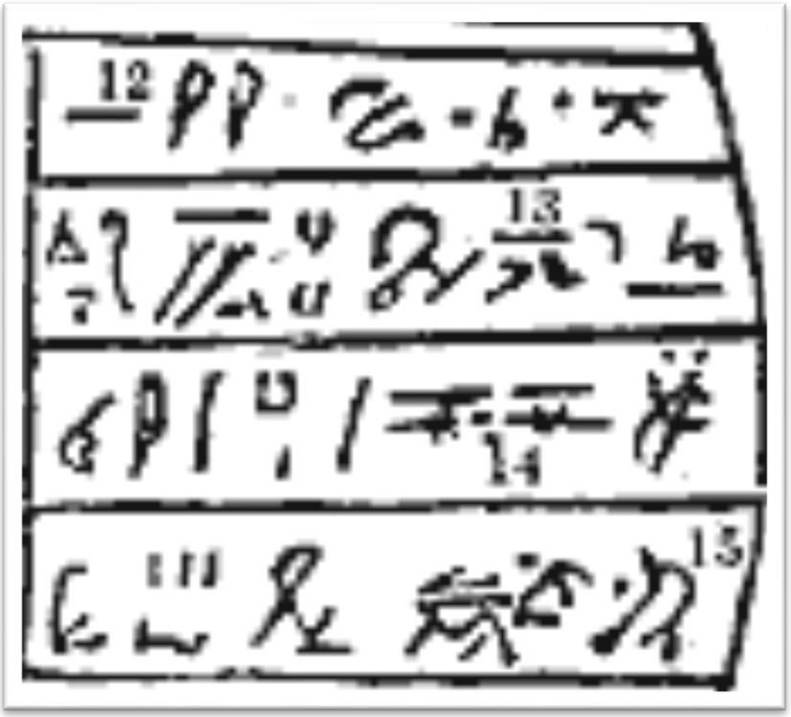
- Fig. 11 - "Ò deus daqueles que dormem desde o momento da criação".
- Fig. 10 - "Ò deus poderoso, Senhor do céu e da terra".
- Fig. 9 - "o submundo (abaixo da terra" e suas grandes águas".
- Fig. 8 - "conceda que a alma de Osíris Sheshonk possa viver".

Figuras 12 a 21

Joseph não ofereceu qualquer outra tradução, além de escrever o seguinte:

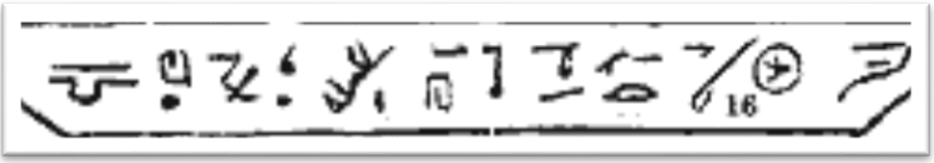
- "As figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21 serão reveladas no próprio e devido tempo do Senhor".
- Aparentemente, esse tempo é chegado, pois estas figuras podem ser traduzidas.

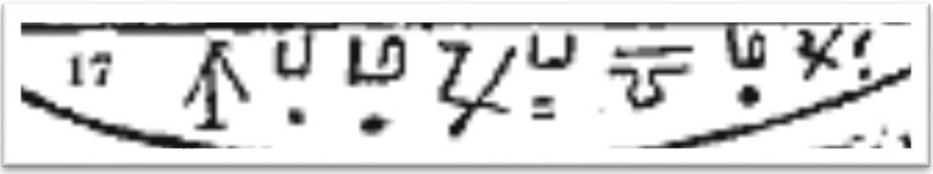
As figuras de 12-15 estavam aparentemente danificadas no original, e foram "restauradas" copiando-se os símbolos hieráticos da Permissão da Respiração de Hor de cabeça para baixo. Um traço da escrita hieroglífica original pode ser estabelecida, mas apenas a expressão "suas palavras" pode ser identificada no final da linha na figura 15. O restante das linhas está preenchido com a escrita hierática retirada das linhas 4 e 5 da Permissão da Respiração de Hor:[15]



- Figura 12: (de cabeça para baixo) “perto” e “envolto”.
- Figura 13: (de cabeça para baixo) “que foi feito por”.
- Figura 14: (de cabeça para baixo) “respirações”.
- Figura 15: (de cabeça para baixo) “este livro”.

As Figuras 16 e 17 devem ser lidas na seguinte ordem:





- Figura 17: "Que esse túmulo nunca seja profanado"
- Figura 16: "E que esta alma e seu possuidor nunca sejam profanados no além-mundo" [16].

Três quartos da inscrição hieroglífica original ficaram intactos, e lê-se (no sentido anti-horário): [17]



- Figura 18: "Eu sou Djabty na casa de Benben em Heliópolis, tão exaltado e glorioso. [Eu sou] um touro copulador sem igual. [Eu sou] aquele deus poderoso na casa de Benben em Heliópolis ... que deus poderoso ... ".



- Figuras 19, 20, 21: "Você será como aquele Deus, o Busirian". [18]



- Figura 22: "O nome deste Todo Poderoso Deus". [19]

Notas

1. The other two fragments were (1) The Book of the Dead belonging to the female musician Amon-Re Neferirnûb; and (2) Book of the Dead belonging to Amenhotep.
See H. Michael Marquardt, The Book of Abraham Papyrus Found, 2nd edition 1981, publ. by Utah Lighthouse Ministry, p. 23, 24; and Klaus Baer, "The Breathing Permit of Hor", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Autumn 1968, p. 111 - Go back to article
2. See this short description of hypocephali by the British Museum - Go back to article

3. Michael D. Rhodes, "The Joseph Smith hypocephalus, Seventeen Year Later". Click here for an online version of this essay. - Go back to article
4. Michael D. Rhodes, "The Joseph Smith Hypocephalus, Seventeen Year Later". Click here for an online version of this essay. - Go back to article
5. Samuel A. B. Mercer, Ph.D., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", from The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 23 - Go back to article
6. Joann Fletcher, The Egyptian Book of Living and Dying, p. 21 - Go back to article
7. Michael D. Rhodes, "The Joseph Smith Hypocephalus, Seventeen Year Later". Click here for an online version of this essay. See also this short description of Khnemu - Go back to article
8. Michael D. Rhodes, "The Joseph Smith Hypocephalus, Seventeen Year Later". Click here for an online version of this essay. - Go back to article
9. Samuel A. B. Mercer, Ph.D., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", from The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 23 - Go back to article
10. Michael D. Rhodes, "The Joseph Smith Hypocephalus, Seventeen Year Later". Click here for an online version of this essay. - Go back to article
11. Samuel A. B. Mercer, Ph.D., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", from The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 23 - Go back to article
11a. I should point out an interesting parallel, however. In another similar Hypocephalus found at the British Museum — a Hypocephalus for the temple musician Neshorpakhered — this same northeast corner is very similar to Joseph Smith's "restoration". Whether you call it "luck" or "inspiration", it certainly is similar, and I have no problem giving Joseph credit for anything he got correct:



12. Samuel A. B. Mercer, Ph.D., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", from The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 23
13. Samuel A. B. Mercer, Ph.D., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", from The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 24
13a. LDS Egyptologist Stephen E. Thompson had this to say: "...it has been repeatedly claimed that Figure 6 in Facsimile 2, which is a depiction of the four sons of Horus (also found as Figures 5-8 in Facsimile 1) 'could indeed 'represent this earth in its four quarters' in the ancient world, as the explanation to the facsimile in the Book of Abraham says.' As far as ancient Egypt was concerned, there is no evidence currently available to support this claim. There is only one context in which the sons of Horus are associated with the cardinal directions, i.e., the 'earth in its four quarters.' They were sent out, in the form of birds, as heralds of the king's coronation. In this setting, Duamutef (Facs. 1, Fig. 6) went to the East, Qebehsenuef (Facs. 1, Fig. 5) to the West, Amset (Facs. 1, Fig. 8) to the South, and Hapi (Facs. 1, Fig. 7) to the North. I must emphasize that it is only in this context, and in the form of birds, that these gods were associated with the cardinal points. In a funerary context no such relationship is evident. Furthermore, the fact that these gods were sent to the four quarters of the earth does not mean that the Egyptians equated them with these directions. There is no evidence that they did so." — Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraham", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 152
14. Michael D. Rhodes, Brigham Young University Studies, Spring 1977, p. 265
15. Richard A. Parker, prof. Egyptology, Brown University, Dialog: A Journal of Mormon Thought, Summer 1968, p. 68
16. Michael D. Rhodes, Brigham Young University Studies, Spring 1977, p. 265

17. Michael D. Rhodes, Brigham Young University Studies, Spring 1977, p. 265
18. Michael D. Rhodes, Brigham Young University Studies, Spring 1977, p. 265
19. Michael D. Rhodes, Brigham Young University Studies, Spring 1977, p. 265

10 - O Livro de Abraão - Coleção de Hipocéfalos

Fonte: The Book of Abrahan



Museu Egípcio no Cairo1

Existem aproximadamente 100 hipocéfalos conhecidos que foram preservados. As imagens estão detalhadas pela conveniência de comparar as semelhanças e diferenças entre cada hipocéfalo.



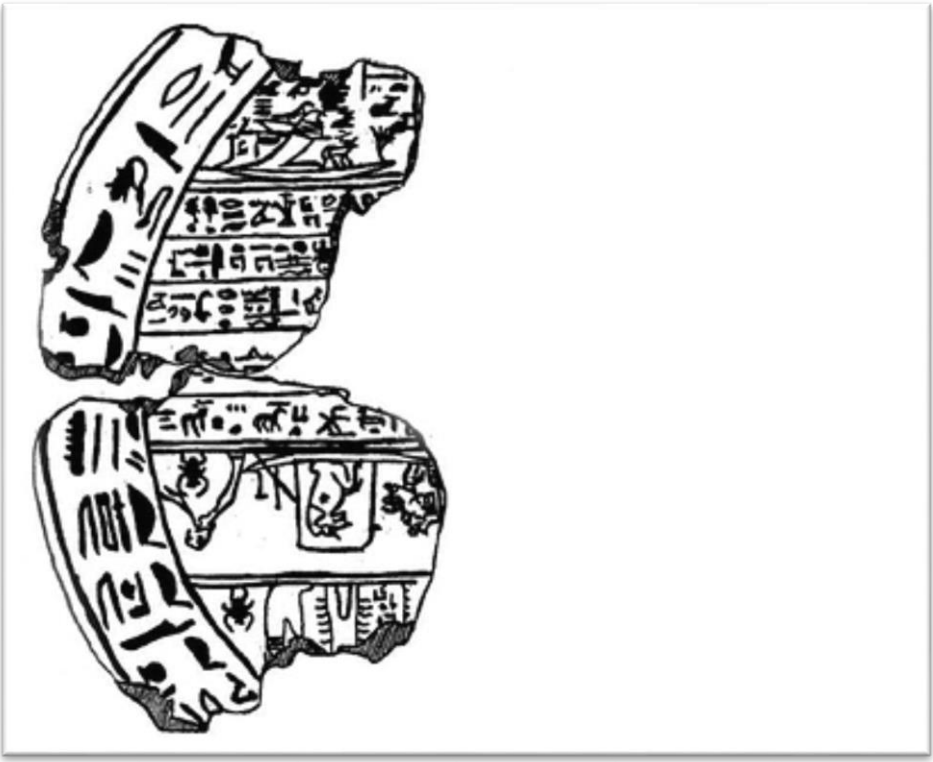
Hipocéfalo de Sheshonq (Facsimile 2 no Livro de Abraão); Times and Seasons, Vol 3, No. 10 (March 15, 1842), Pg 720-721;
também disponível online em http://www.lds.org/ (aqui)



Hipocéfalo 8445 no Museu Britânico (proprietário anônimo); PSBA Vol 6 (14th Session, May 6, 1884):185; também disponível
online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui)3



Hipocéfalo de Tasherenkohns 8445a no Museu Britânico 37909; PSBA Vol 6 (14th Session, February 5, 1884):107; também disponível online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui), identificado como Tasheritkhons



Hipocéfalo 8445a, no Museu Britânico (proprietário anônimo) 37095;
PSBA Vol 6 (14th Session, May 6, 1884):185



Hipocéfalo 8445a, no Museu Britânico 37907 (proprietário anônimo);
PSBA Vol 6 (14th Session, Mar 4, 1884):129; disponível online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui)



Hipocéfalo de Har 8445c no Museu Britânico 35875;
PSBA Vol 6 (14th Session, Jan 8, 1884):52



Hipocéfalo de Neshorpakhered 8445e, no Museu Britânico 36188;
PSBA Vol 6 (14th Session, Mar 4, 1884):129; disponível online em:
http://www.britishmuseum.org/ (aqui ou aqui)



Hipocéfalo de Asiemkheb 8445f no Museu Britânico 37908; PSBA Vol 6 (14th Session, May 6, 1884):185; disponível online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui); identificado como Hesikheb



Hipocéfalo de Shai-enen da Coleção de Henry Bruce Meux, Bart.
;
PSBA Vol 6 (14th Session, Dec 4, 1883):37; também publicado no Budge,
Egyptian Magic, 117; mantido no Museu Real de Arte e História, Bruxelas, Bélgica,
6319, disponível online no Global Egyptian Museum (aqui)



Hipocéfalo de Tatu no Museu do Louvre
PSBA Vol 6 (14th Session, Mar 4, 1884):126



Hipocéfalo de Harnetatf 8446 no Museu Britânico, Coleção de Henry Salt ;
PSBA Vol 6 (14th Session, Apr 1, 1884):171; disponível online em
http://www.britishmuseum.org/ (aqui), identificado como Hornedjitef
As cores são semi-invertidas. Este hipo é preto com as inscrições em amarelo.



Hipocéfalo de Takarheb, Museu Arqueológico Nacional, Florença, Itália, 5704;
Archaeologia: or, Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity, Vol 36 (1855):174
disponível online em Global Egyptian Museum (aqui)



Hipocéfalo de Takarheb, Museu Arqueológico Nacional, Florença, Itália, 5704;
Archaeologia: or, Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity, Vol 36 (1855):174
disponível online em Global Egyptian Museum (aqui)



Hipocéfalo (bronze), Museu Egipcio do Cairo 10691 (proprietário anônimo);
Abydos, Part I (The Egypt Exploration Fund, 1902), Plate LXXVI, G.50.B;
disponível online em Arquivos de Educação Religiosa (aqui)



Hipocéfalo de Djed-Hor de Abydos (bronze);
Abydos, Parte I (The Egypt Exploration Fund, 1902), Plate LXXVII, G.50.D;
Mantido no Museum of Fine Arts, Boston
http://www.mfa.org/ (aqui).
Nota: a ilustração exclui dois indivíduos em um barco no painel central.



Hipocéfalo de Zed-her de Abydos (bronze), 37330 Museu Britânico; Abydos, Parte I (The Egypt Exploration Fund, 1902), Plate LXXVII, G.50.C

E.A. Wallis Budge identifica este hipocéfalo como Tche-hra (ou Tche-her) em:

British Museum: A Guide to the First and Second Egyptian Rooms, 135 and

Mummy: A Handbook of Egyptian Funerary Archaeology, 477; disponível online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui)



Hipocéfalo de Zed-her de Abydos (bronze), 37330 Museu Britânico;
Abydos, Parte I (The Egypt Exploration Fund, 1902), Plate LXXVII, G.50.C
E.A. Wallis Budge identifica este hipocéfalo como Tche-hra (ou Tche-her) em:
British Museum: A Guide to the First and Second Egyptian Rooms, 135 and
Mummy: A Handbook of Egyptian Funerary Archaeology, 477;
disponível online em http://www.britishmuseum.org/ (aqui)



Hipocéfalo da Coleção de Walter Myers, Inglaterra (proprietário anônimo);
PSBA Vol 7 (15th Session, Jun 2, 1885):213



Hipocéfalo da Coleção de Walter L. Nash (proprietário anônimo); PSBA Vol 19 (27 Session, Apr 6, 1897):146



Costas do Hipocéfalo da Coleção de Waler L. Nash (acima);
PSBA Vol 19 (27th Session, Apr 6, 1897):146



Hipocéfalo (proprietário anônimo);
Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland, Vol 33 (119th Session, May 8, 1899):472



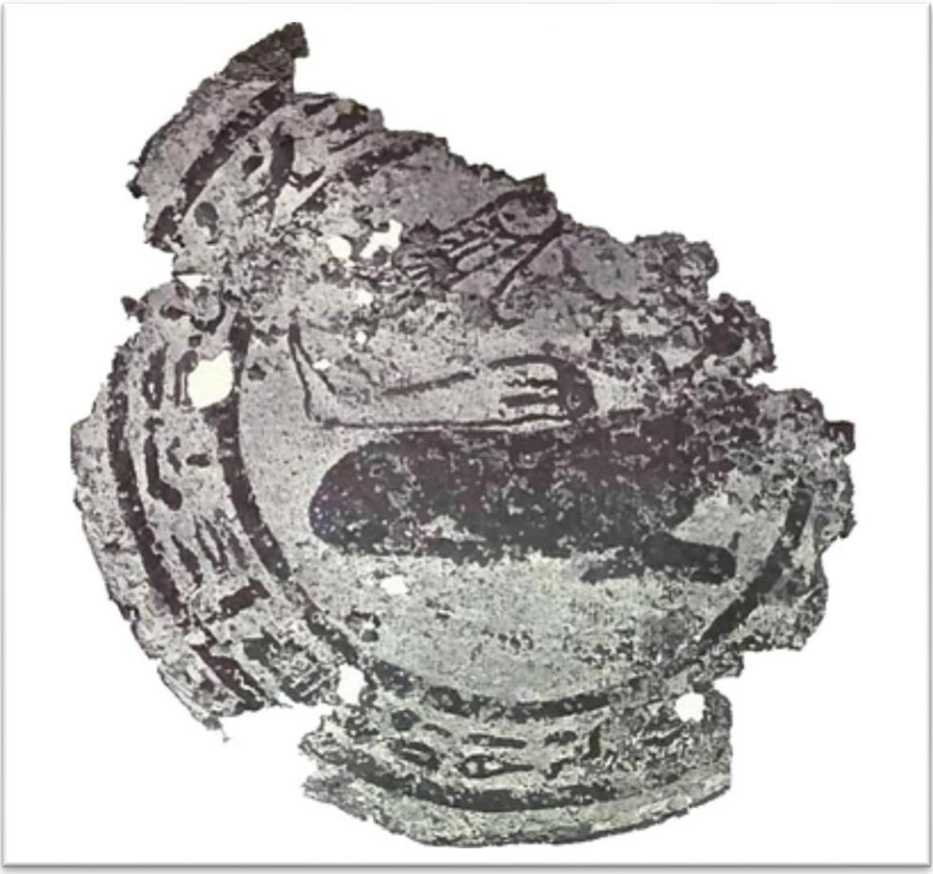
Hipocéfalo de Tashenkhons do Museu Ashmolean em Oxford; disponível online em http://www.ancient-egypt.co.uk/ (aqui).



Hipocéfalo de Tashenhapy do Museu Ashmolean em Oxford; disponível online em www.ancient-egypt.co.uk (aqui)



Hipocéfalo (proprietário anônimo);
(C) Petrie Museum (University College, Londres); disponível online em:
http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/ (aqui);
Também, em Petrie's, Amulets (1914), 111 (Plate XX, 134b)



Costas do Hipocéfalo, na University College em Londres; Amulets (Petrie 1914), 111 (Plate XX, 134a)



Hipocéfalo (proprietário anônimo);
(C) Petrie Museum (University College, Londres); disponível online em:
http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/ (aqui).
Também, em Petrie's Amulets (1914), 111 (Plate XX, 134c)



Hipocéfalo (proprietário anônimo);
(C) Petrie Museum (University College London); disponível online em:
http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/ (aqui)



Hipocéfalo, Museu Victoria de Antiguidades Egipcias (proprietário anônimo);
Por: www.gustavianum.uu.se (aqui)



Hipocéfalo, Museu Britânico 73705 (proprietário anônimo); disponível online em www.britishmuseum.org (aqui)



Costas do Hipocéfalo, Museu Britânico 73705; disponível online em
www.britishmuseum.org (aqui).



Hipocéfalo, no Museu Britânico 74908 (proprietário anônimo); disponível online em www.britishmuseum.org (aqui).



Hipocéfalo Ta(net)irt, Museum de Antiguidades, Leiden, Holanda; disponível online em Global Egyptian Museum (aqui) e Flickr (aqui)



Museu do Louvre, França, N 3526.
disponível online em http://www.louvre.fr/ (aqui)
Hipocéfalo de Irethorrou, talhado em bronze.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10686 (proprietário anônimo);
disponível online em Arquivos de Educação Religiosa (aqui);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10686 (proprietário anônimo);
disponível online em Arquivos de Educação Religiosa (aqui);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10688 (proprietário anônimo);
disponível online em Arquivos de Educação Religiosa (aqui);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10699 (proprietário anônimo);
disponível online em Arquivos de Educação Religiosa (aqui);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10685 (proprietário anônimo);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10687 (proprietário anônimo);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10692 (proprietário anônimo);
cortesia de D. Kelly Ogden; veja também rendição de Michael Lyon
em Appreciating Hypocephali as Works of Art and Faith, pg 26 (figura12).



Hipocéfalo, Museu Egipcio do Cairo 10700 (proprietário anônimo);
cortesia de D. Kelly Ogden.



Hipocéfalo, Museu de Turim, Itália, 2336.
Incomum por ser feito de barro e tem apenas um único nível.
Disponível online em flickr:
http://www.flickr.com/photos/art_pollard/2393421272/



Hipocéfalo encontrado em Tebas. Atualmente no Museu do Louvre, França.
Disponível online em flickr:
http://www.flickr.com/photos/koopmanrob/5097016289/



Hipocéfalo no Museu de Turim, Itália.
Disponível online em flickr:
http://www.flickr.com/photos/art_pollard/2392589755/in/photostream/
Exemplar raro, feito de cobre.

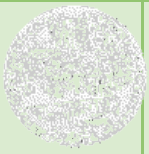


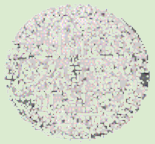
Hipocéfalo no Museu de Turim, Itália, 2333.
Disponível online em flickr:
http://www.flickr.com/photos/art_pollard/2392589445/in/photostream/



Hipocéfalo no Museu de Turim, Itália, 2321.
Disponível online em flickr:
http://www.flickr.com/photos/57975815@N00/2392589195/

Mais exemplares: The Hypocephali-Gallery

 BM - 8445	 BM 8445-Print	 BM 8445-C Print	 BM - 37330 Bronze	 BM-37330 Bronze-Print
 BM 37908 8445-F	 BM - 8446	 BM- 8446-neg	 BM 8446-Print	 Cairo 3590 Bronze
 Cairo 3590 - neg.	 Cairo Bronze 3590 Print	 Turin 2336	 Turin 2333	 Turin 2333
 Turin 2321	 Turin 2321	 Protection Hypo. (Info.)	 ??Hathor	 ??Hathor

 Turin Bronze	 Turin Bronze Print	 Oxford	 BM - 37909	 Boston Bronze
 Leiden Museum Ta(net)ir t	 Bruxelles 6319 10.16 cm.	 Ermitage 8737 14 cm.	 Cairo 10699 19.2 cm.	 Takarheb Florence, Italy
 Shainen Meux, England	 BM 8445-a	 Tatu, Paris, Louvre	 BM 35875 8445-C 17 cm.	 London Myers Collectio n
 BM 36188 8445e	 BM 36188/844 5e Print	 BM - 37095	 BM 37095 Print	

 BM - 37907	 BM - 37907 Print	 Kunsthistorisches Museum, Wien AS253 a-1	 Kunsthistorisches Museum, Wien AS253 a-2	

1 Image of the Egyptian Museum in Cairo, courtesy of James L. Carroll; per james.jlcarroll.net (here).
2 One Eternal Round (Hugh Nibley and Michael Rhodes; The Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, Brigham Young Unversity, Provo, UT, 2010), pgs 192, 230, 591; "Figure 6 of Facsimile 2," Transcript of a lecture presented as part of the FARMS Brown Bag Lecture Series (Hugh Nibley, Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 1995), 2-3; Michael Lyon indicates that there are approximately 150 known hypocephali (see "Appreciating Hypocephali as Works of Art and Faith," pg 6).

3 All references above to PSBA refer to the Proceedings of the Society of Biblical Archaeology.

11 - Nomes egípcios?

Algum dos nomes egípcios e os termos identificados por Joseph foram verificados como sendo realmente egípcios?

Texto traduzido e adaptado de Mormonthink

Há muitos nomes egípcios sobre a explicação dada por Joseph para os três Facsímiles, bem como inúmeros nomes no Livro Egípcio do Alfabeto e Gramática, também de Smith. Nomes como Elkenah, Libna, Mahmackrah, Korash, etc. Apesar de alguns defensores das alegações em contrário, **nenhum destes nomes foi encontrado em quaisquer documentos egípcios.**

1 - Declarações dos apologistas

Do site do apologista SUD Jeff Lindsay, vemos:

"Um apoio adicional para a interpretação de Joseph sobre vários elementos do Facs. No 1 vem de um artigo de Daniel Peterson, em janeiro de 1994, na revista Ensign:



- "Os textos antigos indicam que os deuses dos idólatras Elkenah, Libna, Mahmackrah e Korash, descritos no livro de Abraão (Abr. 1:6, 13, 17; facsímile 1, figs. 5-8), na verdade eram adorados no mundo antigo, apesar do fato de que a Bíblia não faz nenhuma menção a eles.
- http://www.jefflindsay.com/LDSFAQ/FQ_Abraham2.shtml"

A declaração acima é muito enganadora. Um número suficiente de críticos protestaram, e assim seu colega apologista SUD Kerry Shirts providenciou esta resposta em outra página da web:

2 - Sobre os nomes dos quatro vasos canópicos no Fac-símile nº1:

---

por Kerry A. Shirts

"Uma nota de explicação:

Os críticos disseram que os nomes dessas figuras não são egípcios e, portanto, não são autênticas.

Este artigo lança um olhar mais atento.

Nós damos aos críticos o ponto que nada nos quatro nomes canópicos sob o sofá de leão sejam necessariamente nomes egípcios. Mas são nomes que são encontrados no mundo antigo, ou seja, Egípcio combinado com antigos elementos sirio-cananeus, e este é o ponto. Estes não são apenas rabiscos. Abraão está apontando os costumes antigos egípcios para um público não-egípcio no seu Livro de Abraão.

http://www2.ida.net/graphics/shirtail/onthe.htm

Então, o apologista SUD Kerry Shirts admite que eles não são nomes reais egípcios, então como isso possivelmente apoia a interpretação de Joseph como alegado por Jeff Lindsay?

A ciência ainda não foi capaz de encontrar qualquer evidência de que os quatro nomes mencionados por Joseph sejam nomes egípcios reais. Note-se que nem Lindsay ou Daniel Peterson fornecem qualquer evidência para mostrar como esses nomes antigos podem ser derivados e, eventualmente, ser interpretados por qualquer pessoa para sustentar as afirmações de Joseph. Se fizesse sentido, Lindsay teria simplesmente mostrado a evidência para estes quatro nomes em sua web site, que acrescentariam credibilidade à Joseph, mas ele não fez porque realmente não há evidências que apoiam as declarações de Joseph quando você as analisa. Os quatro nomes referidos por Joseph não parecem ser nomes antigos reais, a menos que sejam combinadas várias partes de palavras diferentes de idiomas diferentes. Isso é típico dos esforços de alguns apologistas SUD para encontrarem algum tipo de explicação ensandecida para as traduções de Joseph dos fac-símiles. Mesmo que fossem nomes verdadeiros (embora certamente não egípcios) Joseph poderia simplesmente tê-los tirado de uma enciclopédia ou dicionário. A única maneira em que isto ajudaria a apoiar as declarações de Joseph seria se ele identificasse nomes reais do Egito que não eram conhecidos na época, mas ele falhou nessa tarefa.

- Você notará no site de Jeff Lindsay que ele não corrigiu sua declaração original e enganosa. Assim, qualquer pesquisador que vai para o site de Lindsay terá a impressão de que os quatro deuses nomeados por Joseph no Fac-símile 1 foram, de alguma forma, corretamente identificados por Joseph.

Se Joseph Smith realmente tivesse traduzido os papiros, ele teria se referido às figuras como os quatro filhos de Hórus e dado os seus nomes reais de **Imset, Hapt, Qebe senuwef e Duwa mutef**. Isso seria um poderoso testemunho da veracidade do

Livro de Abraão e do papel profético de Joseph Smith, mas ele falhou de forma gritante neste papel.

- NOTA DO ADMINISTRADOR: Não fomos capazes de encontrar, de forma alguma, os quatro nomes mencionados por Lindsay. Se alguém tiver referências concretas para sustentar o pedido de Daniel Peterson, por favor envie um email para nós em truthseeker@mormonthink.com

Notas:

1. According to a private conversation with scholar H. Michael Marquardt, the latest scholarship dates Hôr's Breathing Permit to around 150 B.C.E.

12 - Anacronismos

Anacronismos do Livro de Abraão.

Texto traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraão - Chapter 8 - by Kevin Mathie

Tão interessante quanto as imagens, são os capítulos e versículos que compõem a maioria do Livro de Abraão. Existe alguma coisa que o corpo principal do livro possa nos dizer sobre a sua autenticidade? Uma das maneiras que os estudiosos determinam se um documento é verdadeiramente histórico é determinar se existem anacronismos. Simplificando, anacronismos são fatos/coisas mencionados no documento que estão "fora do lugar". Infelizmente, na maioria dos casos de falsificação ou fraude, os investigadores de documentos antigos não têm o luxo de ler algo muito óbvio. Eles devem contar com o reconhecimento muito sutil de anacronismos, como a menção de um objeto ou um

nome que não existia quando o documento foi supostamente escrito. O mesmo acontece com o Livro de Abraão. Se este livro foi realmente escrito "pela mão" de Abraão, então não deve haver qualquer coisa que não seria conhecido da população que vivia em seu tempo na história. Portanto, se aceitarmos que Abraão viveu entre 2200 AEC e 1500 AEC. (o Dicionário Bíblico coloca seu nascimento em 1996 AEC), então não pode haver qualquer coisa em suas páginas que só poderia ser conhecido após esse período. Se um anacronismo ocorrer, certamente foi ali colocado após o tempo de Abraão.

1 - Anacronismos no Livro de Abraão

Se assumirmos que a última data acima, ie. 1500 AEC, é a última possível para a existência de Abraão, então é correto afirmar que são anacronismos [1]:

1 - Fac-símile n º 1

Esta vinheta é especificamente mencionada no texto do Livro de Abraão (Abr. 1:12, 14), mas a vinheta em si data de 150-100 AEC.

2 – Caldeia

Este nome ocorre em Abraão 1:1, 8, 13, 20, 23, 29, 30 e 2:4. Os caldeus surgiram no século IX AEC, na terra ao sul do atual Iraque (Babilônia), e, aparentemente, migraram para a Síria[2]. Se os caldeus surgiram no século 9 AEC, e Abraão viveu antes de 1500 AEC, então a referência para os caldeus no Livro de Abraão é um anacronismo de 700 anos ou mais - **um anacronismo muito grande.**

3 - Faraó

Abraão 1:6 usa a frase "Faraó, rei do Egito". Abraão 1:20 diz que o Faraó "significa rei por sangue real". E em Abraão 1:25, "Faraó" é usado como um nome próprio em vez de um título: "... o primeiro governo do Egito foi estabelecida pelo Faraó, filho mais velho de Egitus, a filha de Cão". A palavra Faraó vem de um termo egípcio para o rei do palácio, que em egípcio poderia ser chamado de "casa grande". O termo "Faraó" não foi usado como um título para o governante do Egito até 1504 AEC.

Alguns apologistas sugerem que o "Faraó" teria sido a tradução de Joseph para a palavra que significa "rei", e que a palavra "faraó" nunca realmente apareceu no texto. No entanto, devemos lembrar que em Abraão 1:25, "Faraó" é usado como um nome próprio. Além disso, Joseph claramente considerou que Faraó era o nome de uma pessoa, conforme sua interpretação do Facsímile nº 3 e Figura 2, onde se lê, "o rei Faraó, cujo nome é dado nos caracteres acima de sua cabeça" [3].

Conclusão

O termo "Faraó" está na beira de um anacronismo. Se assumirmos que Abraão viveu muito antes de 1500 AEC – como é datado no Dicionário da Bíblia - então a palavra "Faraó" é definitivamente um anacronismo. No entanto, se data da existência de Abraão foi por volta de 1500 AEC, então ela não pode ser considerada anacrônica. Portanto, o leitor deve decidir se a palavra "Faraó" é problemática ou não.

4 - Colina de Potifar

Potifar é, na realidade, a forma hebraica de um nome egípcio, que seria estranho Abraão ter utilizado, pois é mais provável que ele tenha falado babilônico-semítico em vez de hebraico (que pode, por si só, ser anacrônico nos dias de Abraão) [4]. De acordo com o egiptólogo SUD Stephen E. Thompson, "A única ocorrência do equivalente egípcio de "Potifar" é encontrado no Cairo, na estela 65444, que remonta à XXI dinastia egípcia (1069-945 AEC)"[5].

5 – Egitus

Abr. 1:23: "A terra do Egito sendo, primeiramente, descoberta por uma mulher, que era filha de Cão e filha de Egitus que, em caldeu, significa Egito e quer dizer aquilo que é proibido".

Stephen E. Thompson:

- "Primeiro, Egitus não é uma palavra caldeia, mas grega, e não significa "proibido" em qualquer idioma. O grego "Egitus" aparentemente deriva do egípcio hwt-k3-pth, "a casa da ka de Ptah", que era o nome de um templo de Ptah em Memphis. Durante o Novo Império, este termo passou a designar a cidade de Memphis, a capital do Egito, onde o templo estava localizado. Também há alguma evidência de que os estrangeiros se referiam ao país do Egito por este termo, como é atestado em uma barra de Micenas, que está datada em cerca de 1375 AEC, ou seja, 125 anos depois de Abraão, como o nome de um homem, pressupondo que já era o nome para o Egito. Note também que o texto (Abr. 1:22-25) implica que o nome "Egito" derivou de um antepassado epônimo, Egyptus. Dado aos fatos relativos à origem da palavra Egyptus, no entanto, isso não pode representar a realidade histórica"[6].

Estes não são todos os anacronismos encontrados no Livro de Abraão, mas eles são representativos. Com base nos cinco anacronismos acima, o Facsímile 1 é aquele com a data mais recente. Portanto, o texto do livro de Abraão não poderia ter sido composto até 150-100 AEC na melhor das hipóteses. Poderia ter sido escrito em qualquer momento após esse período, mas não antes.

2 - Reconstrução Incorreta da História

O egiptólogo Stephen E. Thompson afirmou:

"Um dos eventos principais do Livro de Abraão é o atentado de sacrifício que Abraão sofreu. Somos informados de que na terra dos caldeus, o "deus do Faraó", que aparentemente deve ser tomado como "o deus Faraó", era adorado (Abr. 1:7, 9-10, 13, 17). Havia até mesmo sacerdotes dedicados à adoração do Faraó, e estes sacerdotes ofereciam sacrifícios humanos a ele. Dizem-nos que a "oferta de gratidão" que foi oferecida, consistia de um filho (v. 10), e que três "virgens" foram mortas no altar sacrificial porque "não se curvaram para adorar deuses de madeira ou de pedra" (v. 11). Finalmente, o sacerdote do Faraó tentou sacrificar Abraão, e nessa altura o Senhor interveio, resgatou Abraão, e destruiu o altar e o sacerdote (v. 15-20)".

Disto podemos inferir várias coisas. Aparentemente, o Faraó e várias outras divindades egípcias eram adorados na Caldeia. Não é dito especificamente que os outros deuses eram egípcios, mas somos informados que as práticas de culto foram "à maneira dos egípcios" (Abr. 1.9,11), e as imagens que representam esses deuses são egípcias (v. 14). Podemos, portanto, inferir de maneira plausível que eram divindades egípcias. Parte da adoração dos

deuses envolvia o sacrifício humano. A religião daquela época e local era intolerante, e qualquer um que escolhesse não se envolver nestas práticas de culto corria o risco de perder a sua vida. Estas práticas parecem ter sido aprovadas ou promovidas, ou pelo menos incentivadas, pelo faraó egípcio. O livro diz que quando o sacerdote que tentou realizar o sacrifício de Abraão "houve grande lamentação na Caldéia e também na corte do Faraó" (v. 20). [7]

Em primeiro lugar

Não há evidências de que o sacrifício humano era praticado pelos antigos egípcios em sua vasta história - e certamente nenhum sacrifício humano de crianças! Os egípcios pareciam ser no seu conjunto, uma sociedade relativamente pacífica e gentil. As únicas indicações de que o sacrifício humano fora praticado no antigo Egito tendem a apontar para a pré-história egípcia e parecem ter sido realizadas em apenas um ou dois contextos: ou criminosos e prisioneiros de guerra eram sacrificados, ou funcionários foram sacrificados para serem enterrados com seu mestre. No entanto, após a primeira dinastia, o sacrifício humano não foi praticado.[7a]

Em segundo lugar

Todas as evidências apontam que os egípcios eram muito tolerantes para com as religiões dos outros.

J. Cerny escreveu:

- "Os egípcios eram tolerantes uns com os outros dentro do próprio Egito e eles eram igualmente tolerantes aos deuses do país conquistado... Com os deuses nativos eles se comportavam como faziam tantas vezes no Egito com o

deus ou deusa de outra cidade: eles simplesmente consideravam-nos como nomes e formas diferentes das suas próprias divindades egípcias. É evidente que, nestas circunstâncias não poderia surgir a heresia, e com exceção do um curto período do reinado de Akenaton, nada se sabe sobre a perseguição religiosa de qualquer tipo no Egito". (J. Cerny, Ancient Egyptian Religion, 1957) [8]

Em terceiro lugar

Estudos "indicam que os deuses egípcios raramente eram adorados na Síria-Palestina, e apenas a título excepcional. Ao invés de introduzir deuses egípcios na Ásia, a ocorrência mais comum era os egípcios que estavam nos postos na Palestina adotarem o culto dos Deuses asiáticos locais. Stefan Wimmer escreveu recentemente que os egípcios "nunca pensaram em forçar a população [local da Síria-Palestina] a abandonar seus deuses em troca dos deuses egípcios" [9].

Notas

1. This list comes from: Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995
2. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 154
3. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, pp. 154-155
4. Samuel A. B. Mercer, PhD., "Joseph Smith as an Interpreter and Translator of Egyptian", The Utah Survey, Vol. 1, No. 1, September 1913, p. 22 — Also, check out an interesting site called History of Hebrew by David Steinberg. According to Steinberg, we would have had a "Proto-Hebrew" language around the year 2000 B.C.E., but "Biblical Hebrew" didn't really crystalize until 900 B.C.E. in Jerusalem
5. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, pp. 155
6. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, pp. 155-156

7. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, pp. 156-158
7a. For an overview of human sacrifice practices of Ancient Egypt, see Caroline Seawright Human Sacrifice in Ancient Egypt, October 11, 2003
8. As quoted by Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, p. 159
9. Stephen E. Thompson, "Egyptology and the Book of Abraão", Dialogue: A Journal of Mormon Thought, Spring 1995, pp. 158-159

13 - Fontes do Livro de Abraão

Texto traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraão - Chapter 8 - **by Kevin Mathie**

Ao defender que Joseph Smith não usou um real papiro de Abraão como uma fonte para a versão atual e impressa, é interessante observarmos as possíveis fontes para as ideias por trás do texto (além da fértil imaginação de Joseph Smith).

Podemos agrupar o Livro de Abraão em quatro partes [9a]:

1. **Parte I**: "Introdução Autobiográfica de Abraão", publicado pela primeira vez no Times and Seasons, em 01 de março de 1842.
2. **Parte II**: "Revisão de Gênesis 11:29; 12:1-13", publicado pela primeira vez no Times and Seasons, em 01 de março de 1842.
3. **Parte III**: "O Cosmos e a Existência Espiritual", publicado pela primeira vez no Times and Seasons, em 15 de março de 1842.

4. **Parte IV**: "Revisão do Gênesis 1:01 ao 02:10, 16-25", publicado pela primeira vez no Times and Seasons, 15 de março, 1842.

As partes dois e quatro, é claro, tem claramente como base a versão da Bíblia do Rei Tiago (King James). Mas muitos dos conceitos por trás da nova doutrina que se encontram no Livro de Abraão podem ter outras origens possíveis.

O autor SUD Grant Palmer explica:

Em 1835, o ano que [Joseph Smith] produziu os capítulos iniciais de Abraão, seu conselheiro Oliver Cowdery, no Messenger and Advocate, mencionou Josephus três vezes na interpretação das imagens do rolo de "José do Egito" [dezembro 1835]. No Antiquities of the Jews, Josephus escreveu sobre como Noé, que teve problemas com seu filho Ham, "amaldiçoou sua posteridade", enquanto a linhagem de Abraão e outros "escaparam daquela maldição". Joseph Smith expandiu essa maldição original (Gen. 9:20-27) para incluir a negação da ordenança do sacerdócio para os negros (Abr. 1:21-26).

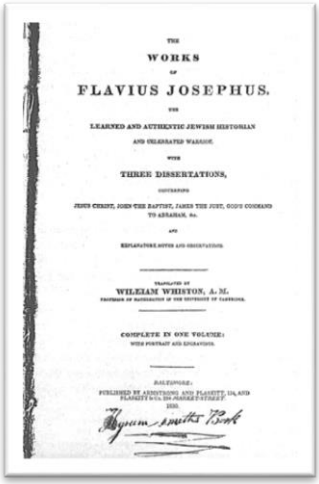
O estudioso SUD Lester Bush, com estes versos de Abraão em mente, comentou:

- "A escritura mórmon [O Livro de Abraão] e os argumentos contemporâneos a favor da escravidão são impressionantes".

Josephus ainda identificou Abraão como um residente da Caldeia e "uma pessoa de grande sagacidade", que "começou a ter maior noção de virtude que os outros tiveram, e ele ficou determinado a renovar e mudar a opinião que todos os homens, levando-os a terem respeito a Deus". A pregação de Abraão não era bem-vinda. Eles "criaram um tumulto contra ele ... e com a ajuda de Deus,

ele veio e viveu na terra de Canaã. Enquanto em Canaã, a terra prometida para os seus descendentes, Abraão encontrou a fome. Isto levou ele e sua esposa, Sarah, para o Egito, onde ele conseguiu fingir ser o irmão de sua esposa. O faraó finalmente permitiu que ele "conversasse com os mais sábios dentre os egípcios; assim, dessas conversas, sua virtude e reputação tornaram-se mais visíveis do que jamais haviam sido antes. ... Ele ensinou-lhes a aritmética, e deu-lhes a ciência da astronomia, pois antes de Abrão chegar ao Egito , eles não estavam familiarizados com estas áreas de aprendizagem ....”

Esta dissertação de Josephus, que estava disponível para Joseph Smith [note a assinatura de Hyrum Smith na parte inferior da página abaixo[9b]], explica porque, ao examinar o Facsímile 1 do papiro de Hor, Joseph assumiu que Abraão estava sendo sacrificado por pregar contra os deuses pagãos, mas que escapou com a ajuda de Deus. Olhando o outro lado do pergaminho, Joseph viu ainda no Facsimile 3 Abraão ensinando astronomia na corte do Faraó, exatamente como retrata a narrativa de Flávio Josefo.[10]



THE

WORKS

OF

FLAVIUS JOSEPHUS.

THE

LEARNED AND AUTHENTIC JEWISH HISTORIAN

AND CELEBRATED WARRIOR.

WITH

THREE DISSERTATIONS,

CONTAINING

JESUS CHRIST, JOHN THE BAPTIST, JAMES THE JUST, GOD'S COMMAND TO ABRAHAM, &c.

AND

EXPLANATORY NOTES AND OBSERVATIONS.

TRANSLATED BY

WILLIAM WHISTON, A. M.

PROFESSOR OF MATHEMATICS IN THE UNIVERSITY OF CAMBRIDGE.

COMPLETE IN ONE VOLUME:

WITH PORTRAIT AND ENGRAVINGS.

PHILADELPHIA:

PUBLISHED BY ASHMEAD AND PLASKITT, 126, AND PLASKITT & CO. 194 MARKET STREET.

1850.

Hyrum Smith's Book

As frases astronômicas e conceitos nos textos Abraão também eram comuns no ambiente de Joseph Smith. Por exemplo, em 1816, Thomas Taylor publicou uma obra em dois volumes chamada The Six Books of Proclus on the Theology of Plato. O volume 2 (pp. 140-146) contém frases e ideias semelhantes aos conceitos astronômicos contidos em Abraão 3 e no Facsímile nº 2. Nestas seis páginas, Taylor chama os planetas de "governantes" e usa o termo "estrelas fixas e planetas". Ambas as obras referem-se ao sol como um planeta recebendo sua luz e energia a partir de uma esfera superior, em vez de gerar sua própria luz através da fusão de hélio e hidrogênio, (cf. Fac. 2, fig. 5). O estudioso SUD R. Grant Athay, astrônomo e diretor de pesquisa da University of Colorado Observatory, escreveu:

- "No momento em que o Livro de Abraão foi traduzido ... a fonte de energia do sol era desconhecida", e "o conceito de uma estrela que influencia a outra também era um conceito comum na época."[11] .

Refletindo mais a cosmologia do século XIX, Taylor (cf. Abraão 3:4-10) descreve a progressão do tempo entre os corpos do universo. Como Abraão 3:16-19, algumas pessoas da época de Joseph Smith também acreditavam na ordem progressiva de orbes e que inteligências os habitavam. De acordo com Athay:

- "Eles acreditavam que a superfície do sol era sólida, e que era habitado por seres humanos. Na verdade, eles acreditavam que era habitado pelo homem. Acreditavam também que todos os planetas do sistema solar eram habitadas pelo homem, inclusive a lua... O conceito de sistemas de mundos múltiplos, múltiplas habitações do homem ... era um tema bastante comum nessa época."[12]

Corroborando o fato de que a ideia de pessoas viverem no sol e na lua era predominante no seio da estrutura social da primeira geração dos Santos dos Últimos Dias, estão as seguintes afirmações.

Em 1833, Oliver Cowdery, declarou:

- "É muito agradável deixar a mente se expandir e contemplar as vastas criações do Todo-Poderoso, ver os planetas executarem suas revoluções regulares e observar seus movimentos precisos; ver os mil sóis darem a luz a milhares de globos, movendo-se em suas respectivas órbitas, e girando sobre seus vários eixos, todos habitados por seres inteligentes ..." (The Evening and the Morning Star, Vol. 2. (dezembro 1833): p. 116 - Ênfase adicionada).

Em um sermão dado em 27 de abril de 1843 por Hiram Smith sobre a pluralidade dos deuses e dos mundos, temos o seguinte comentário:

- "... Todas as estrelas que vemos são mundos habitados da mesma forma que este mundo é povoado. O Sol e a Lua são habitados, e as estrelas (Jesus Cristo é a luz do Sol, etc.) As estrelas são habitadas da mesma forma que a Terra. Mas muitas delas são maiores que a Terra, e muitas que não podemos ver sem telescópio são maiores que a Terra. Elas estão sob a mesma ordem, e assim como a Terra, estão sofrendo as mesmas alterações." (George Nauvoo Laub Journal, Ênfase adicionada)

Mais especificamente, de acordo com Grant Palmer, Joseph Smith era proprietário de um livro especial, que provavelmente influenciou grandemente sua cosmologia. Klaus Hansen, um estudioso SUD, também escreveu:

- "O aspecto progressivo da teologia de Joseph, bem como a sua cosmologia, embora de um modo geral compatível com o pensamento de antes da guerra, apresentam algumas semelhanças notáveis com o livro de Thomas Dick, Philosophy of a Future State, uma segunda edição que tinha sido publicada em 1830".

Joseph Smith possuía uma cópia do trabalho, e Oliver Cowdery, em dezembro 1836 citou alguns trechos longos no Messenger and Advocate [dezembro 1836: 423-25].

Hansen continua:

"Alguns paralelos muito marcantes na teologia de Smith sugerem que as similaridades entre os dois trabalhos podem ser mais do que coincidência. O longo livro de Dick, um tratado ambicioso sobre astronomia e metafísica, propôs a idéia que a matéria é eterna e indestrutível e rejeitou a noção de uma criação a partir do nada. Grande parte do livro trata sobre a infinidade do universo, composto de inumeráveis estrelas espalhadas ao longo de distâncias imensuráveis".

"Dick especula que muitas dessas estrelas eram povoadas por "várias ordens de inteligências" e que estas inteligências eram "seres progressista" em vários estágios de evolução rumo à perfeição. No Livro de Abraão, parte do qual consiste de um tratado sobre astronomia e cosmologia, seres eternos de várias ordens e fases de desenvolvimento igualmente preenchem numerosas estrelas. Eles também são chamados de "inteligências". Dick especulou que "os sistemas do universo giram em torno de um centro comum ... o trono de Deus." No Livro de Abraão, uma estrela chamada Colob "é a mais próxima ao trono de Deus." Outras estrelas, sempre em ordem

decrescente, foram colocados em distâncias cada vez maiores a partir deste centro".

Hansen observou ainda que:

"De acordo com o Livro de Abraão, o patriarca tinha um conhecimento dos tempos de vários planetas," E assim haverá o cálculo do tempo de um planeta acima de outro, até que te aproximes de Colobe; e Colobe segue o cálculo do tempo do Senhor e Colobe está perto do trono de Deus a fim de governar todos os planetas pertencentes à mesma ordem daquele em que te encontras. "Uma revolução de Colobe era um dia para o Senhor, segundo sua maneira de calcular, sendo mil anos conforme o tempo designado para onde te encontras". O tempo de Deus, portanto, está perfeitamente de acordo com as leis da relatividade de Galileu e a mecânica newtoniana".

O que encontramos em Abraão 3 e nas escrituras oficiais da Igreja SUD sobre ciência reflete um conceito de um mundo newtoniano. A cosmologia ptolomaica da igreja católica foi substituída pelo modelo de Copérnico e Newton, assim como agora, a visão do século XIX canonizada por Newton é desafiada pela ciência de Einstein do século XX. Keith Norman, um erudito mórmon, tem escrito que a igreja mórmon "não pode mais fingir que não há conflitos".

Ele continua:

A cosmologia científica começou seu salto quando a doutrina mórmon estava apenas se estabilizando. A revolução na física do século XX, precipitada por Einstein, destronou a física newtoniana como a explicação definitiva da maneira como o universo funciona. A Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica, combinadas com os avanços da astronomia, criaram uma imagem muito diferente de como o universo começou, como ele está

estruturado e funciona, e a natureza da matéria e da energia. ... Esta nova cosmologia científica apresenta um desafio sério para a versão mórmon do universo. Muitas das ideias astronómicas e cosmológicas encontradas no ambiente, tanto de Joseph Smith quanto do Livro de Abraão, foram destronadas, e alguns desses conceitos newtonianos são relíquias científicas. As evidências sugerem que o Livro de Abraão reflete mais os conceitos do local e da época de Joseph Smith do que do mundo antigo.[13]

As relíquias de Newton, que são importantes nos ensinos tradicionais SUD incluem um universo que sempre existiu, e que fisicamente não tem fronteiras (ou seja, é infinitamente grande). Stephen Hawking, em seu clássico livro A Brief History of Time, resumiu o raciocínio de Newton por trás da ideia de um universo "infinito", que era geralmente aceita como verdade nos dias de Joseph Smith. O modelo de Copérnico fez desaparecer as esferas celestes de Ptolomeu e, com eles, a idéia de que o universo tinha uma fronteira natural. Uma vez que as "estrelas fixas" não pareciam alterar a sua posição além de sua rotação no céu causada pela translação da terra, tornou-se natural supor que as estrelas fixas eram objetos como o nosso sol, mas muito mais distantes. Newton percebeu que, de acordo com sua teoria da gravidade, as estrelas deveriam se atrair, de modo que parecia não poderiam permanecer essencialmente sem movimento. Elas não cairiam todas juntas em um certo ponto? Em uma carta escrita em 1691 a Richard Bentley, outro importante pensador de seu tempo, Newton argumentava que isso realmente aconteceria se houvesse apenas um número finito de estrelas distribuídas numa região finita do espaço. Mas, ele argumentou, se, por outro lado houvesse um número infinito de estrelas, distribuídas mais ou menos uniformemente em um espaço infinito, isso não aconteceria, porque não haveria qualquer ponto central para que elas caíssem.[14]

Infelizmente, essa ideia de um universo "infinito" parece ser uma impossibilidade. Stephen Hawking explica:

"Este argumento é um exemplo dos perigos que você pode encontrar ao falar acerca do infinito. Em um universo infinito, cada ponto pode ser considerado como o centro, porque cada ponto tem um número infinito de estrelas de cada lado. A abordagem correta, que foi realizada somente muito mais tarde, é se considerar a situação finita, onde as estrelas caem todas umas sobre as outras, e depois perguntar como as coisas mudarim se alguém acrescentasse mais estrelas distribuídas ao acaso fora desta região. De acordo com a lei de Newton, as estrelas extras não fariam nenhuma diferença para as originais, pois as estrelas cairiam com a mesma rapidez. Nós podemos acrescentar tantas estrelas quanto quisermos, mas elas continuarão a cair sobre si mesmas. Nós agora sabemos que é impossível ter um modelo estático e infinito do universo, em que a gravidade é sempre atrativa ...

"Outra... dificuldade é que em um universo estático infinito quase toda linha de visão terminaria na superfície de uma estrela. Assim, seria de se esperar que o céu fosse tão brilhante como o sol, mesmo durante a noite. O contra-argumento foi que a luz das estrelas distantes seria atenuada por absorção pela matéria interveniente. No entanto, se isso acontecesse, a matéria interveniente aqueceria até eventualmente brilhar com a mesma intensidade das estrelas. A única maneira de evitar a conclusão de que todo o céu noturno deveria ser tão brilhante quanto a superfície do Sol, seria admitir que as estrelas não estão brilhando desde sempre, mas que foram ligadas em algum tempo finito no passado. Nesse caso, a matéria absorvente pode ainda não ter aquecido, ou a luz das estrelas distantes ainda não nos ter alcançado".[15]

Também sabemos agora que o universo teve um começo. Como sabemos isso? Porque o universo está se expandindo - todas as estrelas estão se afastando umas das outras, e do seu ponto de origem. Se pudéssemos traçar os caminhos das estrelas para trás, iríamos encontrar um ponto no espaço e no tempo em que a matéria esteve toda unida - portanto, o início do universo. Hoje, os astrônomos estimam que ele começou a cerca de 15 bilhões de anos atrás.

1. **Assim, fica a grande questão: por que Abraão daria os conceitos astronômicos falhos do século 19?**
2. **Por que ele não teria dado os conceitos astronômicos falhos da antiga Babilônia (ou os antigos conceitos sumérios, etc)?**

Se o Livro de Abraão estava cheio de ideias astronômicas antigas e falhas, poderíamos aceitar o Livro de Abraão como um documento antigo. Mas, novamente, vemos ideias que são claramente anacronismos que apontam estar muito distantes de Abraão e muito próximas de Joseph Smith.

Notas

9a. Edward H. Ashment, "Making the Scriptures 'Indeed One In Our Hands'," in The Word of God: Essays on Mormon Scripture, ed. by Dan Vogel, publ. Signature Books, p. 245.
9b. This graphic is taken from Grant Palmer's book, An Insider's View of Mormon Origins, publ. Signature Books, 2002, p. 18. Be aware that the handwritten notation "Hyrum Smith's book" was not originally on the title page of Josephus's book, but it was on another page of the book. When Palmer, or the folks at Signature Books, created the graphic, the signature was combined with the title page in order to more clearly illustrate that this book of Josephus was owned by Hyrum
10. Grant Palmer, An Insider's View of Mormon Origins, publ. Signature Books, 2002, pp. 16-19

11. R. Grant Athay, "Astronomy in the Book of Abraão," Book of Abraão Symposium (Salt Lake City: University of Utah Institute of Religion, 3 Apr. 1970), ix, 60-61.
12. R. Grant Athay, "Astronomy in the Book of Abraão," Book of Abraão Symposium (Salt Lake City: University of Utah Institute of Religion, 3 Apr. 1970), ix, 60-61. ALSO, Grant Palmer, An Insider's View of Mormon Origins, publ. Signature Books, 2002, pp. 21-22
13. Grant Palmer, An Insider's View of Mormon Origins, publ. Signature Books, 2002, pp. 22-25
14. Stephen Hawking, A Brief History of Time: The Updated and Expanded Tenth Anniversary Edition [1998], p. 5.
15. Stephen Hawking, A Brief History of Time: The Updated and Expanded Tenth Anniversary Edition [1998], pp. 6, 7

14 - Os fragmentos do papiro são o Livro de Abraão?

Traduzido e adaptado de Examining the Book of Abraham - Chapter 5 - by Kevin Mathie

Comparando o fac-símile nº 1, publicado no Livro de Abraão, com o fragmento do primeiro papiro abaixo, é óbvio que esse fragmento em particular foi a fonte do fac-símile publicado. Embora as semelhanças sejam evidentes na foto abaixo, elas são ainda mais expressivas quando ampliadas para o tamanho real e em uma resolução maior.

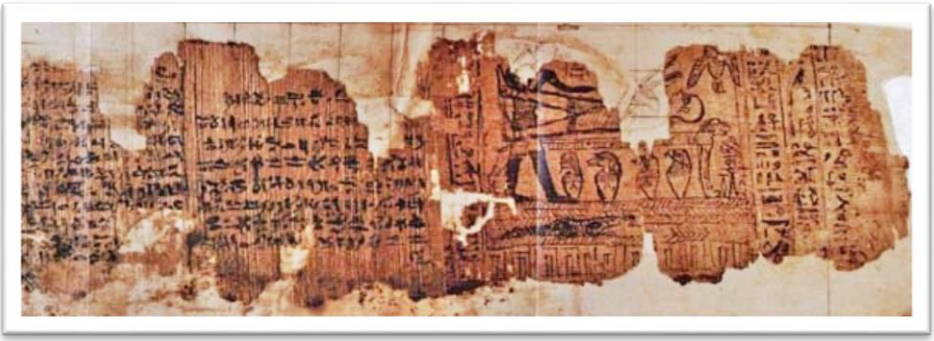


A FACSIMILE FROM THE BOOK OF ABRAHAM

No. 1



No entanto, o que dizer do texto? Como sabemos que temos o verdadeiro papiro usado na tradução do Livro de Abraão? Podemos determinar se temos O papiro? A seção do papiro acima é o início do rolo. Continuando para a esquerda, podemos notar que a próxima seção contém apenas escritos:

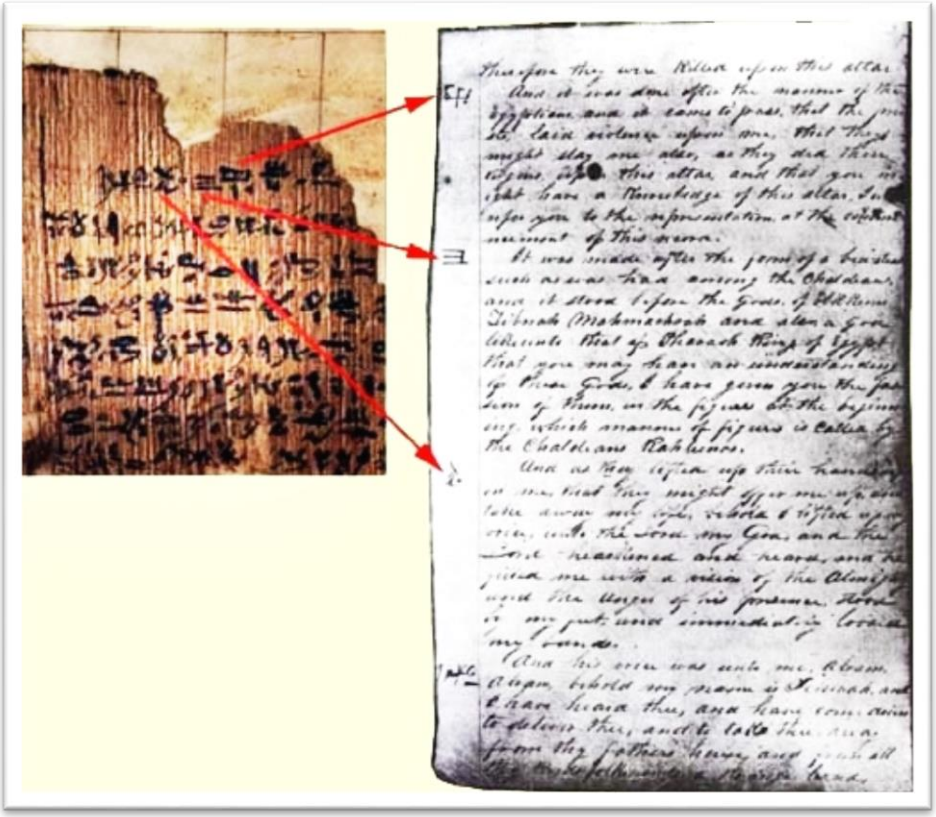


(Photos courtesy of the Institute for Religious Research)

É possível que a seção imediatamente à esquerda deste desenho seja a base para o texto do Livro de Abraão (uma vez que os egípcios liam da direita para a esquerda)?

Na realidade, como ainda temos o "Joseph Smith Egyptian Papers" nos arquivos da Igreja, sabemos com certeza de onde o Livro de Abraão veio - quais os símbolos foram utilizados, e a partir de qual fragmento do papiro o livro foi "traduzido". O Papéis Egípcios de Joseph Smith consistem em parte do seguinte: um "alfabeto e gramática egípcios", no qual Joseph Smith tentou "decodificar" a língua egípcia, e três "Manuscritos Traduzidos", onde cada página possui um símbolo egípcio na margem esquerda com o suposto texto em inglês correspondente na direita. Abaixo está um exemplo: do lado esquerdo, uma seção do papiro em questão, e do lado direito, uma página correspondente à tradução do papiro (o manuscrito de Joseph Smith). Observe que os símbolos

egípcios não apenas aparecem em ambas as fontes, mas ambos ocorrem na mesma ordem! Parágrafo 1 = símbolo 1, Parágrafo 2 = símbolo 2, etc.



1 - Atualmente, existem três diferentes "Manuscritos Traduzidos".

Eles são assim chamados porque cada um desses manuscritos contém símbolos egípcios desenhados na margem esquerda seguida de texto em Inglês na parte direita restante da folha,

como na figura acima. Os dois manuscritos traduzidos, chamados de "Babr MS 1a" (escrito por Frederick G. Williams) e "Babr MS 1b" (escrito por Warren Parrish) foram escritos simultaneamente, a partir dos ditados de Joseph Smith. [1] Cada manuscrito usa os mesmos símbolos , na mesma ordem, e atribui quase mesmo texto em inglês para cada símbolo. Infelizmente, o Babr MS 1a existente abrange apenas abril 1:4-2:6, e o Babr MS 1b existente cobre apenas abril 1:4-2:2. O terceiro manuscrito traduzido, chamado "Babr MS 2" é ligeiramente maior - abrangendo abril 1:1-2:18. É uma pena não termos a tradução do manuscrito (ou a série de traduções dos manuscritos) que abrange todo o Livro Abraão. Seria interessante ver quais símbolos Joseph Smith atribuiu a cada seção em inglês. Se a Igreja possui a tradução completa do manuscrito, ela não deixa transparecer que a possui, e certamente não a liberará para o público. Babr MS 2 está dividido em três partes: a primeira metade de uma página foi escrita por William W. Phelps. a partir do ditado de Joseph, com a maioria das próximas 7 páginas copiadas do Babr MS 1b, concluindo com o ditado escrito por Warren Parrish. [2] Portanto, Babr MS 2 tem material que os outros dois manuscritos não têm. Abaixo, estão algumas figuras da margem esquerda de todas as 10 páginas de Babr MS 2 (cortesia de H. Michael Marquardt). É importante notar abaixo que o manuscrito inteiro usa os símbolos do papiro, na mesma ordem, com a leitura feita da direita para a esquerda, exatamente como esperaríamos se Joseph Smith estivesse usando este fragmento de papiro como base de sua "tradução". Lembremos que ele, nessa época, estava tendo lições de hebraico, onde se lê exatamente da mesma forma: da direita para a esquerda. Mesmo quando há uma parte que falta do fragmento (ou seja, uma lacuna), parece que Joseph aparentemente estimava quantos símbolos teriam estado ali, então, com a sua "capacidade de revelação", passava a preencher o texto egípcio que faltava com símbolos de sua própria invenção

- ou, provavelmente em sua mente, "restaurava" os símbolos que originalmente ali estavam. Por questão de espaço, serão mostrados apenas parte do Manuscrito Traduzido que contém os símbolos copiados pelos escribas de Smith, conforme destacado em vermelho na figura abaixo:



As dez figuras seguintes mostram, em detalhes, a equivalência do Manuscrito Traduzido com hieróglifos contidos no papiro.

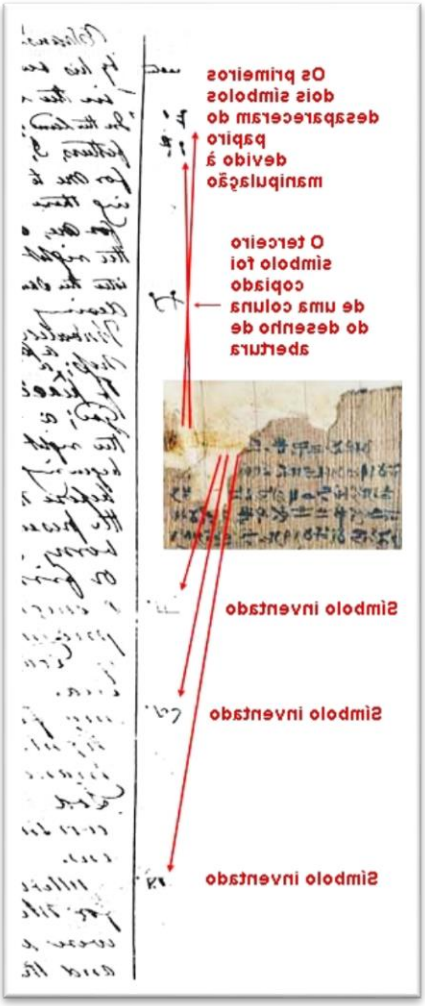


Figura 1

Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido. Note as

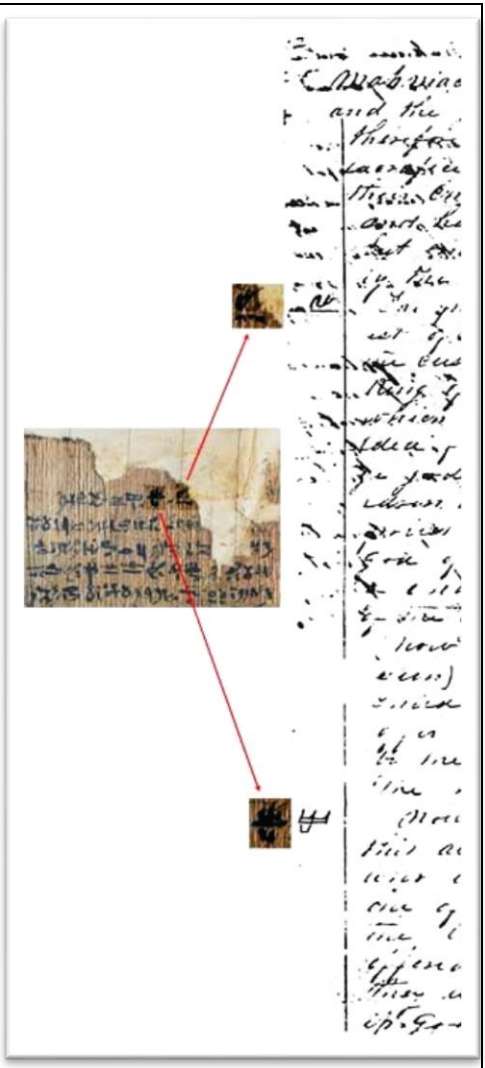


Figura 2

lacunas no papiro e os "símbolos inventados", que preenchem essas lacunas no Manuscrito.	Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido

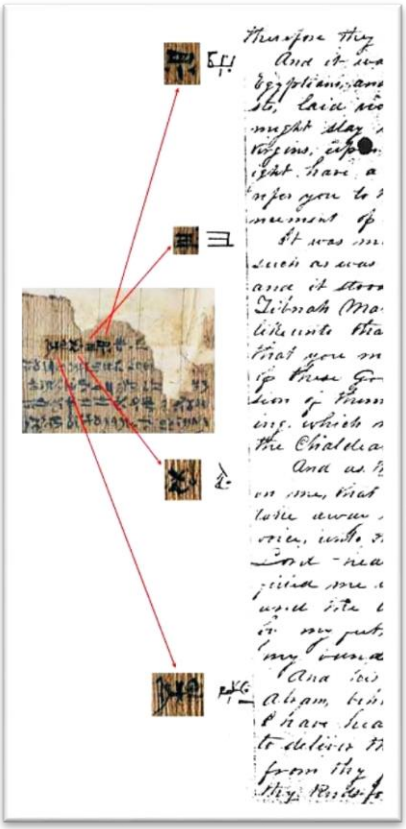


Figura 3 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido

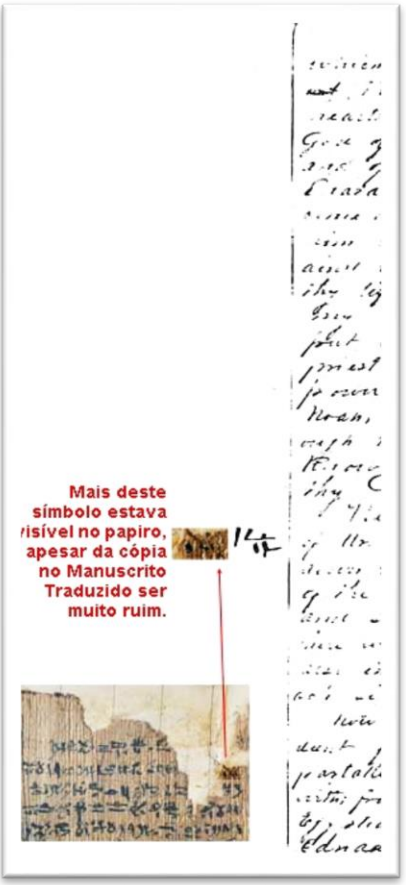


Figura 4 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido

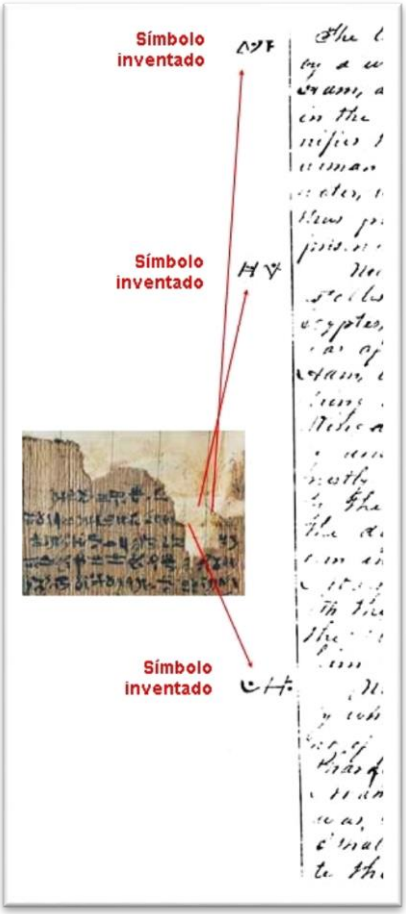


Figura 5 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido. Note novamente as lacunas no papiro e os "símbolos inventados", que preenchem essas lacunas no Manuscrito.

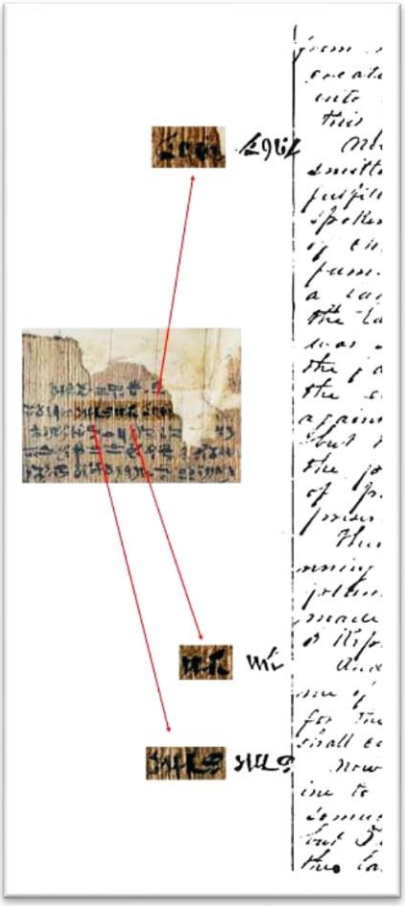


Figura 6 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido.

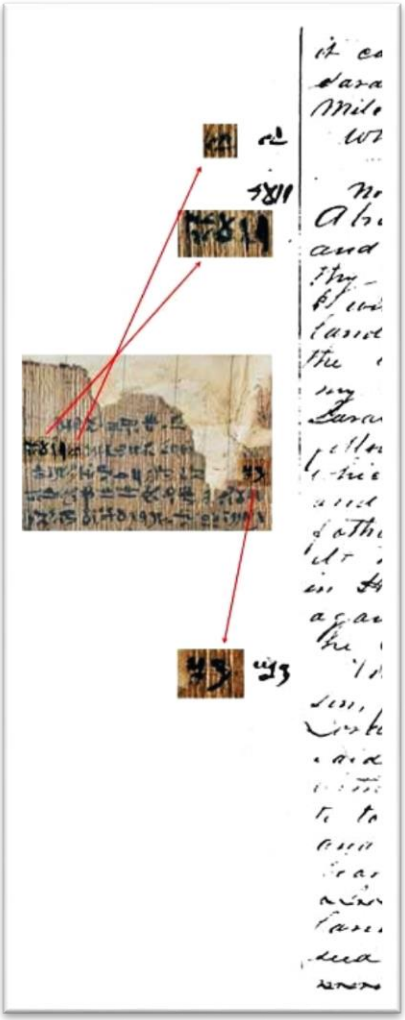


Figura 7 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido.

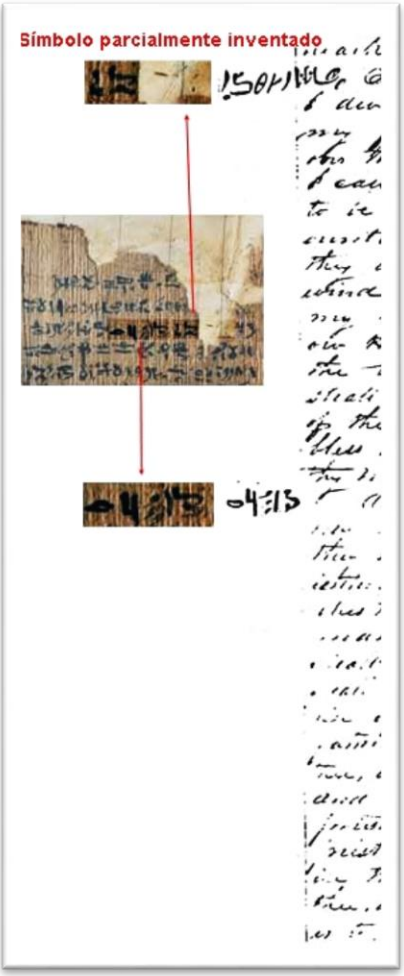


Figura 8 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido. Note o "símbolo parcialmente inventado" na parte superior do Manuscrito.

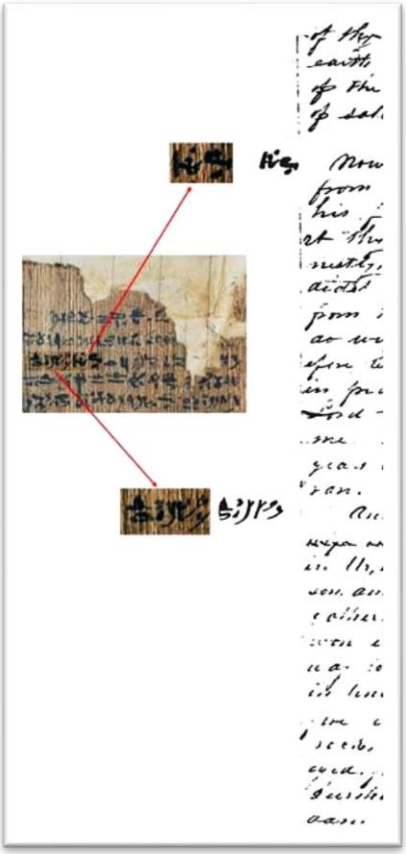


Figura 9 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido.

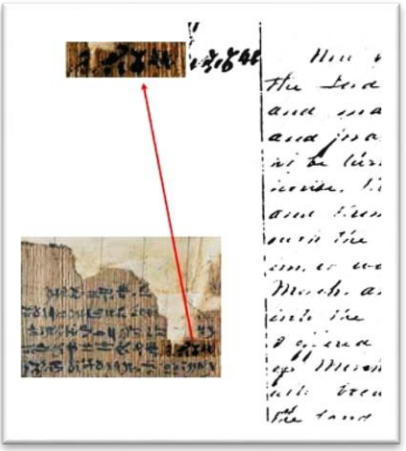


Figura 10 - Comparação entre o papiro e o Manuscrito Traduzido

Muitos defensores da Igreja afirmam que os símbolos egípcios, nos Manuscritos Traduzidos, foram ali colocados como "decoração" ou como um exercício, para os escribas de Joseph Smith "estudarem as coisas em suas mentes", para que pudessem de alguma forma, tentar descobrir ou entender como Joseph Smith trabalhava na tradução. [3] No entanto, quando vemos todas as dez páginas dos manuscritos em conjunto, é muito claro que o

uso de símbolos egípcios não foi feito de maneira decorativa. Nem são fortuitos. Existe uma organização na forma como eles são usados nesta tradução do manuscrito, isso foi intencional. Por mais que os defensores do Livro de Abraão gostariam de distanciar Joseph Smith de ter participado na criação dos Manuscritos Traduzidos, os seus argumentos simplesmente não possuem profundidade. A verdade é que este fragmento de papiro em particular foi certamente utilizado no processo de tradução, como evidenciado pelo Manuscrito Traduzido acima. Portanto, é absolutamente seguro concluir que parte do Livro de Abraão veio dessa seção do papiro.

_____

Notas:

1. H. Michael Marquardt, The Joseph Smith Egyptian Papers, p. 167

2. H. Michael Marquardt, The Joseph Smith Egyptian Papers, p. 146

3. Aliás, nunca vi um apologista tentar explicar como, colocando símbolos arbitrariamente ao lado do texto em inglês, poderia ajudar os escribas a estudarem o processo de tradução "em suas mentes", e parece totalmente incompreensível que os escribas faria isso se Joseph Smith não tivesse especificado quais os símbolos, ou pelo menos qual a seção específica de papiro que ele estava usando para produzir essa "tradução".

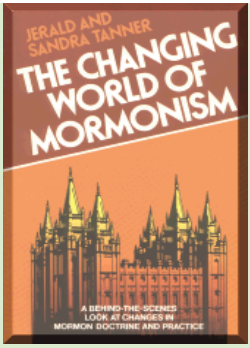
4 - Livros Recomendados

LIVROS ONLINE

EM PORTUGUÊS:

- 1 - O Fato sobre os Mórmons - por John Ankerberg e John Weldon
- 2 - A ilusão Mórmon - por Loyd C. McElveen (Também disponível em PDF)

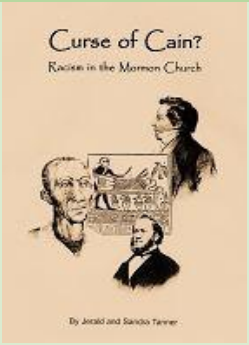
EM INGLÊS:



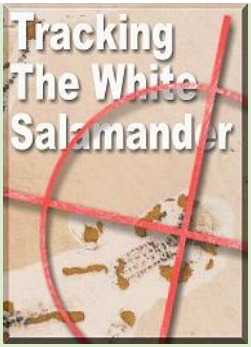
1 - The Changing World of Mormonism, by Jerald and Sandra Tanner, (As printed by Moody Press), [Also available in PDF format.]



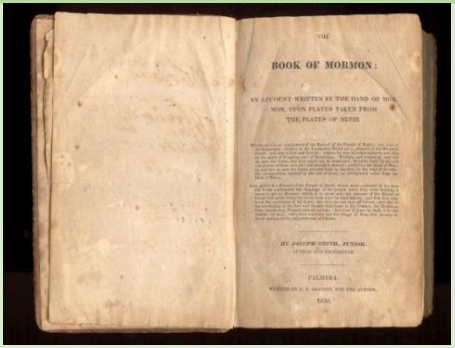
2 - Changing the Revelations, Chapter 6 from Case Against Mormonism Vol. 1
by Jerald and Sandra Tanner



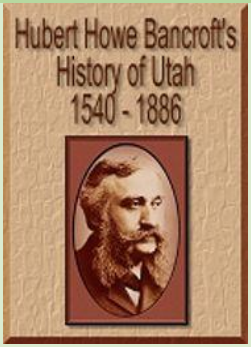
3 - Curse of Cain? Racism in the Mormon Church, by Jerald and Sandra Tanner



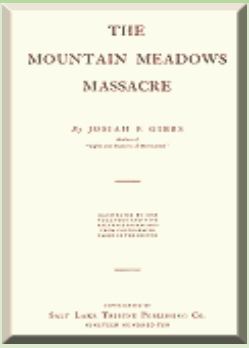
4 - Tracking the White Salamander, by Jerald Tanner, The Story of Mark Hofmann, Murder and Forged Mormon Documents



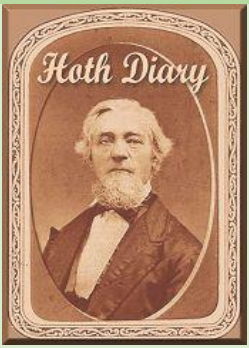
5 - Livro de mórmon - versão de 1830 - inglês



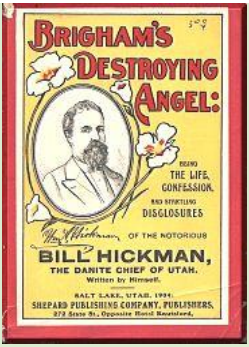
6 - History of Utah, 1540-1886, by Hubert Howe Bancroft



7 - Mountain Meadows Massacre, by Josiah F. Gibbs - Originally printed in 1910, this book details one of the worst massacres west of the Mississippi.

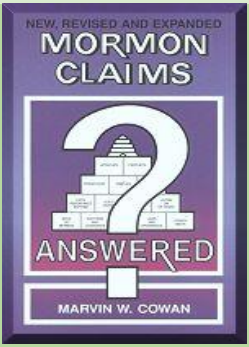


8 - The Hoth Diary, by Hans Peter Emanuel Hoth from Schleswig, Germany

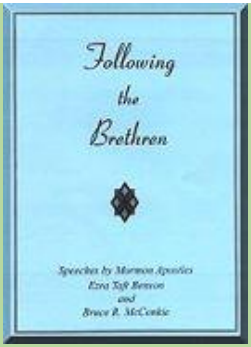


9 - Brigham's Destroying Angel, by "Wild" Bill Hickman
1904 Edition with an introduction by Jerald and Sandra Tanner.

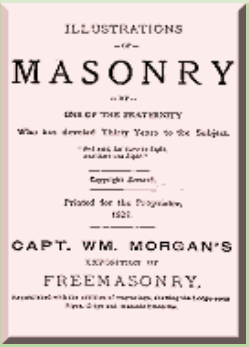
This important and moving diary gives a candid first person view of early America and Mormon migrations to Utah. Written in 1853-1857.



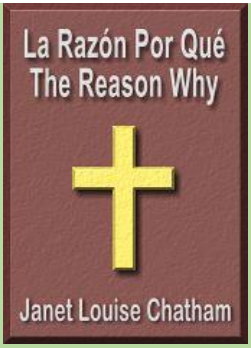
10 - Mormon Claims Answered, by Marvin Cowan



11 - Following the Brethren, Speeches by Mormon Apostles: Ezra Taft Benson and Bruce R. McConkie.



12 - Exposition of Freemasonry, by Captain William M. Morgan Printed in 1827, this book details the first three degrees of Masonry.



13 - Captain Morgan and the Masonic Influence in Mormonism

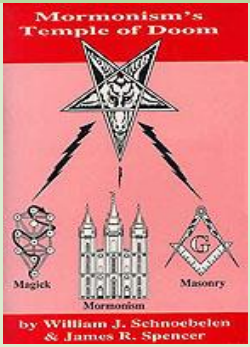
14 - La Razón Por Qué / The Reason Why, by Janet Louise Chatham, Español / English bilingual web edition, "My story of being raised Catholic, blindly choosing Mormonism, and after much struggle being set-free."The author may be reached at readthereasonwhy@aol.com or larazonporque@aol.com"

15 - Introduction to 3,913 Changes in the Book of Mormon, Introduction covers how and why changes were made to the Book of Mormon after its first printing. The book 3,913 Changes in the Book of Mormon is a reproduction of an original Book of Mormon with the changes marked, and is available through us. [Web-editor: now includes chart of Major Changes Between the 1920 and 1981 Editions of the Book of Mormon.]

16 - An Address to All Believers in Christ, by David Whitmer
Written in 1887 by one of the three witnesses to the Book of Mormon

17 - Having visions: the Book of Mormon: translated and exposed in plain English, by Susan Stansfield Wolverton

18 - Bearing the Testemony of Truth, by Derick S. Hartshorn



19 - Mormonism Temple of Doom, by William J Schnoebelen and James R. Spencer

20 - To Moroni With Love, by J. Edward Decker

21 -Wife # 19, The Story of a Life in Bondage to Mormonism

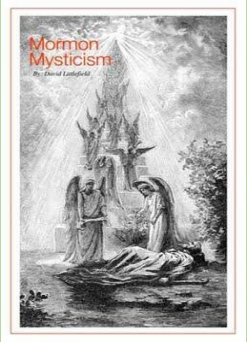
by Brigham Young's apostate wife, Ann Eliza Young

22 - Witnessing to Mormons with Love, Angie Dean

23 - The Rise and Fall of the LDS Church, by Ed H. Yong

24 - Pearl of Great Price In The Light of Science, Extensively Revised and Enlarged by thomas D. S. Key

25 - Mormon Mysticism, David Littlefield



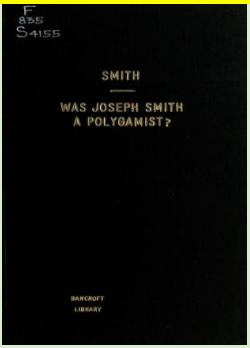
Em PDF ou HTML

Mormon Mysticism, the book, covers a vast array of topics from Ascension Theology, Gnosticism, and the Tree of Life to the practical aspects of being a mystic, including fasting, prayer, covenants and ordinances. He delves into the complex world of mystical Jewish thought, covering the teachings of Cabala, Sepher Yetzirah (The Book of Creation), the Zohar and other sources. Vital doctrines such as the Creation, Atonement and Resurrection are also explored.

26 - The women in mormonism (1882), by Froiseth, Jennie Anderson, Mrs. [from old catalog]

28 - A View of Hebrews, Ethan Smith (1762-1849)

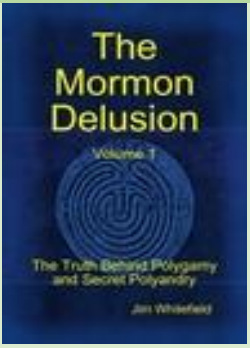
(1st ed., Poultney, NY, 1823)



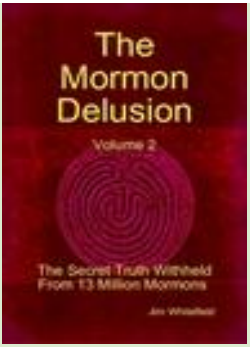
27 - Was Joseph Smith a Poligamyst?, PDF or on-line

29 - Book of Mormon - edição de 1830

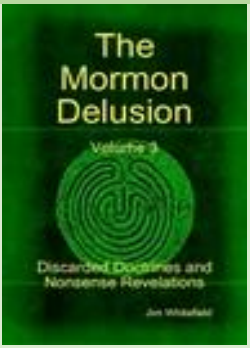
30 - Heaven and Hell, Emanuel Swedenborg



31 - The Mormon Delusion, Jim Whitefield
Vol 1 - The Truth Behind Polygamy and Secret Polyandry.



Vol 2 - The Secret Truth Withheld from 13 Million Mormons.



Vol 3 - Discarded Doctrines and Nonsense Revelations.

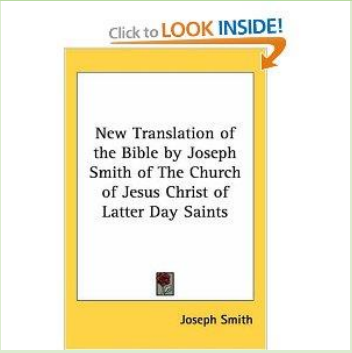
32 - LIFE IN UTAH, or, the mysteries and crimes of mormonism. being an expose of the secret rites and ceremonies of the latter-day saints, with a full and authentic history of polygamy and the mormon sect from its origin to the present time. by j. h. beadle

33 - BIOGRAPHICAL SKETCHES OF JOSEPH SMITH, THE PROPHET, AND HIS PROGENITORS FOR MANY GENERATIONS.
BY Lucy Smith
Mother of the prophet

Liverpool: Published by S. W. Richards 15, Wilton Street.
1853

34 - Mormon Enigma: Emma Hale Smith

Linda King Newell and Valeen Tippetts Avery



35 - Differing Visions Dissenters in Mormon History, Leonard J. Arrington

36 - New Translation of the Bible by Joseph Smith

Joseph Smith

37 - True Succession in Church Presidency

OF THE CHURCH OF JESUS CHRIST OF LATTER DAY SAINTS.

Being a reply to elder B. H. ROBERTS on
"SUCCESSION IN THE PRESIDENCY OF THE CHURCH

By ELDER HEMAN -C. SMITH, 1908

38 - Mormonism and Masonry, by E. Cecil McGavin

39 - By His Own Hand Upon Papyrus

by Charles M. Larson

40 - The sword of Laban: Joseph Smith, Jr. and the dissociated mind
By William D. Morain

41 - Dynasty of the Holy Grail: Mormonism Sacred Bloodline

By Vern G. Swanson

42 - Mormonism Unmasked

By R. Philip Roberts

43 - Inside Today's Mormonism

By Richard Abanes

44 - What Every Mormon (and Non-Mormon) Should Know

By Edmond C. Gruss, Lane A. Thuet

45 - Mormonism for Dummies

By Jana Riess, Christopher Kimball Bigelow

46 - Black and Mormon

By Newell G. Bringhurst, Darron T. Smith

47 - The Mormon Menace Being the Confession of John Doyle Lee, Danite, an Official Assassin of the Mormon Church Under the Late Brigham Young.

By John Doyle Lee, Alfred Henry Lewis

48 - The Mormon Cult: A Former Missionary Reveals the Secrets of Mormon Mind Control

By Jack B. Worthy

49 - Science, religion, and Mormon cosmology

By Erich Robert Paul

50 - The Facts on the Mormon Church

By John Ankerberg, John Weldon, Dillon Burroughs

51 - Mormon Fanaticism Exposed: a Compendium of the Book of Mormon, or Joseph's Golden Bible.

By Tyler Parsons

52 - The Mormon Question: Polygamy and Constitutional Conflict in Nineteenth Century America.

By Sarah Barringer Gordon

53 - Mormonism 101; The Mormon Church And Their Web Of Deception

By Robert E. Bryant

54 - The Mormon Prophet and His Harem Or an Authentic History of Brigham Young His Numerous Wives and Children.

By Mrs C. V. Waite

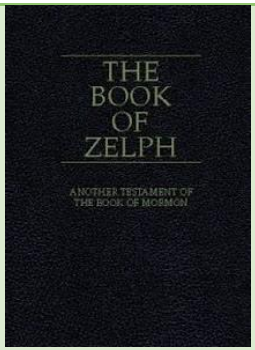
55 - Confessions of a Recovering Mormon

By Deborah Lucas

56 - Joseph Smith and the Origins of the Book of Mormon

By David Persuitte

57 - The Mormons: or Latter-day saints
Por Henry Mayhew



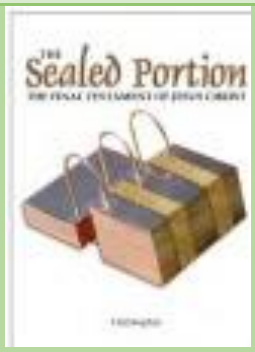
1 - Book of Zelph, Another testament of the Book of Mormon

by Bob Lewis

2 - The Lost Plates of Laman

An Account Written by the Hand of Laman upon Plates of Tin Made by His Own Self—with a Little Help from his Brother Lemuel

by Bob Lewis

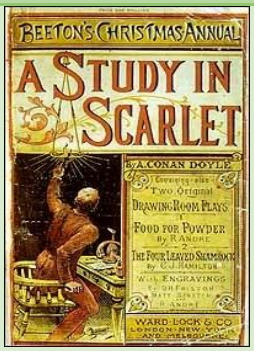


3 - The sealed portion

Traduzido por Christopher Nemelka, a reincarnação de Hyrum Smith.

The Sealed Portion—The Final Testament of Jesus Christ was prepared by our Creators (but written by fallible mortal men in their own language) to unite the true intent of all those who were individually chosen by our Creators to deliver a message of hope to the inhabitants of the world. The Sealed Portion transcends all organized religion and fulfills the promise made by our Creators and given through it's final prophet/author (Moroni):

Ficção - Português:



1 - Um Estudo em Vermelho**,** by Sir Arthur Conan Doyle

A Study in Scarlet, by Sir Arthur Conan Doyle
First published in 1887, this short novel was the debut of the popular detective Sherlock Holmes in which he solves a case involving the Mormons.

Fonte

- http://investigacoessud.blogspot.com

5 - Mais bobagens do Cristianismo >>>

COLEÇÃO FÁBULAS BÍBLICAS

MAIS DE 70 VOLUMES. É GRÁTIS E SEMPRE SERÁ.

Desmascarando de maneira simples, com a Bíblia, todas as mentiras do cristianismo, usadas para enganar e explorar pessoas bobas e ingênuas com histórias falsas, plágios descarados, fábulas infantis, contos engraçados e costumes primitivos de povos primitivos e ignorantes.

- LER ONLINE OU BAIXAR
- https://es.scribd.com/user/31810001/Colecao-Fabulas-Biblicas

DOWNLOAD SUGARSYNC:
https://www.sugarsync.com/pf/D0297736_98010216_94119
DOWNLOAD GOOGLE DRIVE:
https://drive.google.com/file/d/0B3JcUZmtuaQkS29wQWpJMzRwNXc/view?usp=sharing
LER TODOS OS VOLUMES NO GOOGLE:
https://plus.google.com/u/0/communities/117912471486290676402

LEIA E COMENTE AS PUBLICAÇÕES DA PÁGINA "VERSÍCULOS DA SANTA BÍBLIA" .

https://plus.google.com/u/0/communities/110044181550112696658

COLEÇÃO FÁBULAS MÓRMONS - MAIS DE 2500 PÁGINAS

- LER ONLINE OU BAIXAR
- https://es.scribd.com/user/31810001/Colecao-Fabulas-Biblicas
- DOWNLOAD 4SHARED VOLUMES INDIVIDUAIS OU A PASTA TODA
- http://www.4shared.com/folder/NeRGFeff/COLEO_FBULAS_MRMONS.html
- DOWNLOAD DIRETO TODOS OS VOLUMES DISPONÍVEIS > 112MB
- https://www.sugarsync.com/pf/D0297736_83480671_12202